EXCLUSIVO SÔNIA BRAGA, HEBE CAMARGO E CLAUDIA RAYA COMO VOCÊ NUNCA VIU

ENSAIO PAULO RICARDO, EX-RPM: MAIOR, MAIS MADURO E SEM CORTES

INVADIMOS A ILHA DE CARAS COM REGININHA POLTERGEIST, MC SERGINHO, LACRAIA E PERLA! **MAIS:** ENTREVISTA COM ANDRÉA DANTAS, EDITORA CHEFE DA REVISTA: "*CARAS* É UM TRATADO SOCIOLÓGICO"

38

ISSN 1519-4035

R$ 8,50 Novembro 2004 Ano 03

Editora

&JUNIOR

O que ele está fazendo aqui?!

Especial: o delirante mundo da fama no Brasil

W/Brasil

25
Melissa Celebration
1979
2004
SEJA A DONA DA FESTA
SEM TER QUE DAR A FESTA.

senac

Não cabe neste anúncio e nem nesta revista tudo o que o Senac tem. Então veja a lista completa no portal: www.sp.senac.br.

Materiał chroniony prawem autorskim

LAGE | MAGY

Vestibular:
inscrições até 12/11

Tudo o que o Senac oferece está a um clique de distância de você. Quer ver a lista? 1. No portal você encontra cursos técnicos, livres, de graduação, pós-graduação lato sensu e mestrado. 2. Você fica por dentro de exposições, seminários, fóruns e outros eventos. 3. Acessa a revista eletrônica, que noticia tudo o que acontece o ano inteiro no Senac. 4. Descobre quais são as 60 unidades do Senac em todo o Estado. 5. Faz um tour pelos 120 mil m² para ensino superior do novo Campus e conhece, entre outros, a biblioteca de 6 mil m² e o novo Centro de Convenções. 6. Você vai até os hotéis-escola Senac, em Campos do Jordão e em Águas de São Pedro. 7. Fica sabendo que os caminhos para aprender vão além dos laboratórios temáticos e das modernas salas de aula. 8. Ainda, acessa outros links para o conhecimento, como o da educação a distância, da programação da Rede SescSenac de Televisão e o da Editora Senac São Paulo. 9. Não cabe aqui tudo o que você encontra no Senac. Acesse www.sp.senac.br e veja você mesmo.

senac
são paulo

Senac é mais

www.sp.senac.br
0800 883 2000

Material ilustrativo, sujeito a alterações.

Índice

14 PÁGINAS VERMELHAS
ANDRÉA DANTAS A diretora de redação da revista *Caras*, fala sobre as dores e as delícias de comandar uma das maiores operações editoriais do brasil

30 ENSAIO
PAULO RICARDO O músico reedita aquele certo olhar 43 em fotos exclusivas para a ***Tpm***

40 VIDA REAL
MEU NOME É ESSE, FAZER O QUÊ? Entrevistamos Hebe Camargo, Sônia Braga e Claudia Raya; três mulheres que de famosas só têm mesmo o registro na certidão de nascimento

48 ESPECIAL CELEBRIDADE
COMO FAZER UMA CELEBRIDADE Para ser famoso hoje não é preciso muito mais do que vontade, tempo e dinheiro. A história da baiana Fernanda Rolim é prova disso

52 **RANKING DA FAMA** Não basta ser celebridade, é necessário adquirir o coeficiente ideal de fama. Saiba como funciona esse ranking

54 **O UNIVERSO PARALELO DOS JABÁS** Ser famoso é não precisar colocar a mão no bolso para ir ao cabeleireiro e à academia de ginástica. Veja como funciona o ecossistema da fama

58 **NOSSO DIA NA ILHA DE CARAS** Convidamos Perla, Regininha Poltergeist e a dupla Sergi-nho e Lacraia para passar um dia com nossa reportagem na cobiçada ilha

82 **QUERO SER FAMOSO** Todos os dias as redações do Brasil são invadidas por e-mails sobre banalidades a respeito da vida de aspirantes à fama. Veja aqui alguns dos melhores

38 PENSATAS
A CORDA BAMBA DA FAMA A jornalista Nara Damante reflete sobre o pior dos medos: o obscurantismo

51 **ESTAMOS TODOS SÓS** A psicanalista Anna Veronica Mautner explica por que queremos – e precisamos – ser famosos

57 **VOCÊ SABIA QUE BOB ESPONJA É GAY?** Edson Rossi, diretor de redação da *Contigo!*, fala do lado bom da indústria de celebridades

64 MODA
ESTILO QUEM NÃO ACONTECE Ilustres anônimos vestem tendências do verão

76 FAMA
JUNIOR Uma semana na vida do rapaz que não sabe o que é anonimato

sempre na Tpm

20 EDITORAS CONVIDADAS **67** BADULAQUE

colunas

86 PENETRA **JOÃO PAULO CUENCA** reflete sobre o tempo da celebridade

88 COLUNA DO MEIO **MILLY LACOMBE** explica seus pais

90 UM PENSAMENTO **MARA GABRILLI** passa a campanha em revista

Materiał chroniony prawem autorskim

hellomoto.com.br

MOTOROLA
intelligence everywhere™

SAC: 0800-701-1244 – Grande São Paulo: 3328-3838. Disponível na tecnologia CDMA. Consulte sua operadora sobre a disponibilidade dos serviços. Foto meramente ilustrativa.

EU ME AMO MOTO

exclusividade
vivo

motorola v710

o novo v710 grava vídeos, tem bluetooth®*, mp3 player e câmera integrada de 1.2 megapixels para você se divertir com fotos incríveis até de você mesmo. se acharem você narcisista, é inveja.

*tecnologia que permite sincronização sem fio entre diferentes aparelhos e acessórios, como computador e fone de ouvido para deixar suas mãos livres.

Material chroniony prawem autorskim

EDITORIAL

Estas são edições completamente diferentes das nossas revistas. Tanto em *TRIP* quanto em ***Tpm***, abrimos espaço para pessoas, idéias e situações que normalmente não têm lugar em nossas páginas. Achamos mais que oportuno lançar nosso olhar sobre um fenômeno que, nos últimos anos, arrastou total e impiedosamente nosso país: o deslumbramento pelo universo da fama e da celebridade.

Não que não haja, em qualquer país ou cultura, um interesse especial sobre aqueles que, seja por um atributo físico a mais, seja pelo talento fora da média ou pelo simples fato de perseguirem as luzes da mídia, ganham visibilidade e se tornam, como gostam de propagar, "figuras públicas".

Para ilustrar o quanto é global esse fenômeno, basta se lembrar dos virulentos tablóides ingleses, das legiões de fãs enlouquecidos que se formam entre os recatados japoneses diante da visita do mais apagado artista, ou ainda do fato de que é na Índia, famosa pelo elo milenar com o despojamento material, que se encontra a maior indústria mundial do cinema e de ídolos nacionais.

Mas o que é, afinal, que faz milhões de pessoas no Brasil comprarem revistas e jornais e conferirem audiências fenomenais a programas e sites que se dedicam a acompanhar cada passo, cada beijo, cada espirro ou a nova cirurgia plástica dos famosos, seja os de primeira ou de quinta grandezas?

De um modo divertido e ao mesmo tempo reflexivo, é o que tentamos descobrir nas edições deste mês de *TRIP* e ***Tpm***. Através de pessoas como Sandy, Junior, Sheila, Paulo Ricardo, Regininha e tantos outros, chegamos à mais nova face do retrato de uma adolescência plena.

É isso, aliás, que dá a entender a visão do Brasil de hoje. Somos uma sociedade que superou a infância, uma fase física, autocentrada e dependente, ainda que cheia das belezas da ingenuidade e do novo. Mas ainda estamos longe da maturidade, numa fase em que para desenhar nossa identidade precisamos muito de aceitação coletiva, de referências, de ídolos.

Somos belos de manhã e desengonçados à tarde. Ignorantes e sábios, sensuais e infantilmente ingênuos. Talvez seja por isso que, ao mesmo tempo em que nos indignamos com a desigualdade acachapante que corrói a base social e nos obriga a encarar guerras civis instaladas em nossas grandes cidades, nos encantemos como crianças hipnotizadas pelo novo bidê de banheiro de mármore da artista da tevê. É sobre esse incrível contraste que conversam entre si as nossas revistas deste mês.

Paulo Lima, editor

PS: Uma notícia que merece ser dividida com você: quando comemoramos os 20 anos do nosso programa de rádio *TRIP* FM, anunciamos nossa estréia, no fim de novembro, em nova casa e no horário que o tornou conhecido dos paulistanos. Em breve, você que mora em São Paulo ouvirá a *TRIP* em versão radiofônica pela Eldorado FM, às 20h de sexta-feira.

AS EDIÇÕES DE ***Tpm*** E *TRIP* DESTE MÊS SE COMPLEMENTAM DESDE A CAPA. PEÇA AO JORNALEIRO PARA VER A CAPA DA *TRIP* E CONFIRA O PIONEIRISMO DA INICIATIVA ESTENDIDO ÀS MATÉRIAS QUE DIALOGAM ENTRE SI. AS FOTOS SÃO DE DANIEL KLAJMIC

OS TRAÇOS DE FUNDO QUE ILUSTRAM A ***TPM*** DESTA EDIÇÃO SÃO MAPAS ESTRELARES QUE FAZEM PARTE DO ACERVO DA BIBLIOTECA DE ASTRONOMIA DA USP. ALÉM DELES, COMPLEMENTAM AS PÁGINAS DESENHOS DE GRANDES PENSADORES DA FÍSICA, COMO NICOLAU COPÉRNICO, GALILEU GALILEI ETC. BUSCAMOS NAS ESTRELAS INSPIRAÇÃO PARA DIAGRAMAR ESTA EDIÇÃO ESPECIAL CELEBRIDADES.

Expediente

Editor Paulo Lima cartas@revistatpm.com.br **Diretor Superintendente** Carlos Sarli sarli@trip.com.br **Diretor Conselheiro** Marcos de Moraes mmoraes@trip.com.br **Diretores de Planejamento e Gestão** Antonio Carlos Soares e Patrick Lisbona **Diretor Editorial** Fernando Luna fluna@trip.com.br **Diretor Financeiro** Fabio Suda suda@trip.com.br **REDAÇÃO Diretora de Redação** Daniela Falcão dfalcao@trip.com.br **Editora Executiva** Milly Lacombe milly@trip.com.br **Repórter Especial** Nina Lemos nina@trip.com.br **Reportagem** Renata Leão Bavaresco renataleao@trip.com.br e Ana Maria Peres anamaria@trip.com.br **Estagiárias** Ariane Abdallah ariane@trip.com.br e Thatiana Mendes thati@trip.com.br **Colunistas** João Paulo Cuenca e Mara Gabrilli **Revisão** Daniela Lima e Fabiana Biscaro

ARTE Diretora de Arte Paola Giavina-Bianchi paola@trip.com.br **Chefe de Arte** Sérgio Brandão Cury sergio@trip.com.br **Estagiário** Rodrigo Villas Boas rodrigovillas@trip.com.br **Projeto Gráfico** Paola Giavina-Bianchi, Renata Zincone e Sérgio Brandão Cury **PRODUÇÃO Coordenação** Anita Castanheira anita@trip.com.br **Produção** Regina Trama regina@trip.com.br **Estagiárias** Marina Ragusa e Thaís Rabay (revista e site) **PRODUÇÃO GRÁFICA** Walmir S. Graciano walmir@trip.com.br, Monica Yamamoto monica@trip.com.br e Leticia Ueoka leticia@trip.com.br **INTERNET** web@trip.com.br **Diretora de Arte** Eva Uviedo eva@trip.com.br **Chefe de Arte** Ivan Obara ivanobara@trip.com.br **Assistente de Arte** Fábio Módena fabiomodena@trip.com.br **Produção** Juliana Hirschmann julianah@trip.com.br **Reportagem** Bruna Bittencourt bruna@trip.com.br **Estagiária** Gabriela Borges gabriela@trip.com.br

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO Texto Álvaro Leme, Anna Veronica Mautner, Daniela Bianchi, Daniela Souza Pinto, Edson Rossi, Hermes Galvão, Jéssica De Silva, Juliana Pinheiro Mota e Nara Damante **Foto** Christian Gaul, Daniel Klajmic, Deco Cury, Kiko Ferrite, Marcos Vilas Boas e Rafael Quintino **Ilustração** Zed

DEPARTAMENTO DE MARKETING / PUBLICIDADE Gerente Daniela Basile danielab@trip.com.br **Assistentes** Gustavo Giglio guga@trip.com.br **Estagiária** Gabriela Bauab gabi@trip.com.br **DEPARTAMENTO COMERCIAL Diretor** Cris Moreira crismoreira@trip.com.br **Gerente de Clientes Diretos** Antonio Bonfá Junior (11) 3898 8235 toto@trip.com.br **Executivos de Contas** Ana Paula de Camargo acamargo@trip.com.br (11) 3898 8258, Mauricio Silveira mauricio@trip.com.br (11) 3898 8226, Solange Custódio solange@trip.com.br (11) 3898 8210 **Executivos de Contas On-Line e TRIP FM** Marcelo Rocha marcelorocha@trip.com.br (11) 3898 8203 **Assistente Comercial** Carol Serra carolserra@trip.com.br (11) 3898 8241 **Representante Rio de Janeiro** Sólida Conceitual (Márcia Alvaredo) (21) 3491 1350 **Representante Sul** Ado Henrichs ado@trip.com.br (51) 3325 0328 / (51) 9191 8744 **Representante Minas Gerais** Gustavo Ziller contatomg@trip.com.br (31) 3421 1454 **Representante Brasília** Alaor Machado alaormachado@uol.com.br (61) 223 7005 **Representante Paraná** Luiz Cezar Pimentel bestseller@uol.com.br (43) 9996 6507

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO / FINANCEIRO Coordenação Rodrigo Lutfi rodrigo@trip.com.br **Analista Financeira** Juliana von Krüger Toledo juliana@trip.com.br **Recursos Humanos** Bettina Ranoya bettina@trip.com.br **Estagiária** Juliana Albuquerque Gross jugross@trip.com.br **Representante Jurídica** Claudine Koide claudine@trip.com.br **Analista de Circulação** Carla Arakaki carla@trip.com.br **Assistente Administrativo** Vanessa Marçal vanessa@trip.com.br **Estagiária** Samira Bissiguini samira@trip.com.br **Assistente Financeiro** Ricardo Braga braga@trip.com.br **Manutenção e Expedição** Nivaldo Ferreira Alves **Recepção** Maria Fernanda Medeiros e Sarah Maia **Serviços Externos** Osvaldo de Oliveira Braga Junior

ASSINATURAS Supervisora de Assinaturas Jessica De Silva jessicanet@trip.com.br **Bancas** Carla Arakaki carla@trip.com.br **Assinaturas e Atendimento ao Leitor** Jéssica Panazzolo jessica@trip.com.br **Atendimento TRIP Editora:** (11) 3038 1480 2ª a 6ª, das 9h às 20h trip@teletarget.com.br

PROJETOS ESPECIAIS E EVENTOS Diretora Ana Paula Wehba anapaulaw@trip.com.br **Arte** Ricardo M. Quero Luque queroluque@trip.com.br **PESQUISA DE IMAGENS Coordenador** Aldrin Ferraz imagem@trip.com.br e Telma Rodrigues telma@trip.com.br (11) 3898 8247 **ENDEREÇO** Rua Lisboa, 78, Jardim Paulista, São Paulo, SP, 05413-000 – PABX (11) 3898 8200 **NÚMEROS ATRASADOS** Peça ao seu jornaleiro ou ligue para (11) 3081 4511 **FALE COM A GENTE** E-mail cartas@revistatpm.com.br para (11) 3081 4511 **VISITE NOSSA COZINHA** TRIP Para Mulher na internet: www.revistatpm.com.br

IMPRESSÃO Padilla. A TPM É IMPRESSA EM COUCHÊ IMAGE ART, DA RIPASA. A TRIP Para Mulher não aceita publicidade de cigarros. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da revista TRIP Para Mulher, uma publicação mensal da Trip Editora e Propaganda S/A (ISSN 1414 350X) **NÓS VENDEMOS ESPAÇO, MAS NÃO VENDEMOS OPINIÕES FILIADO AO IVC DISTRIBUIÇÃO** Em todo território nacional e em Portugal - Fernando Chinaglia S/A R. Teodoro Silva, 907, Rio de Janeiro, RJ

Material chromolny powstał automatem

Cultura também é um compromisso com o futuro

A Infraero, administradora dos 66 maiores aeroportos do Brasil, nveste na idéia de que promoção cultural é também um mecanismo le investimento social. Além de patrocinar a produção de filmes, vros e peças teatrais, os aeroportos possuem espaços culturais para xposições, principalmente de artistas locais. Criar oportunidades para novos talentos e apoiar manifestações culturais é uma das ormas do Brasil descobrir seu ritmo.

OUVIDORIA: 0800 727 1234 - www.infraero.gov.br

INFRAERO Aeroportos Brasileiros

BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

Faça a experiência: atrito provoca fogo.

Preservativos texturizados Blowtex Action e Blowtex Performe. Você nunca sentiu nada igual.

Faça bonito. Faça com Blowtex.
www.blowtex.com.br

E-MAILS E CARTAS

CONTE PARA A GENTE TUDO O QUE PENSA SOBRE A REVISTA. ESCREVA PARA **CARTAS@REVISTATPM.COM.BR** OU PARA RUA LISBOA, 78, 05413-000, SÃO PAULO, SP. SE PREFERIR SOLTAR O VERBO, LIGUE PARA (11) 3081 4511

TUDO DE BOM
Desde que descobri a revista por acaso não parei mais de comprar. A entrevista com a Marieta, o ensaio maravilhoso (e delicioso) com o Flávio Canto, a emoção da Mara e os lindos traços da artista Elisabeth Ferreira – tudo 10! Muita luz e paz para vocês, que me divertem e me emocionam todos os meses.
Mônica Costa, São Paulo (SP)

Só pra rasgar um pouquinho de seda, vocês fazem a melhor revista feminina de todos os tempos. Dá até expectativa pra comprar a edição seguinte, é sério!
Ana Paula Bonifácio, Rio de Janeiro (RJ)

SUPER-MARIETA
Parabéns pela entrevista com a Marieta Severo. Ela é bonita, inteligente, mãezona. Uma mulher pra se admirar. Gosto muito de tudo que faz.
Suêde Martins, por e-mail

Espetacular a entrevista com Marieta Severo! Pelo fato de ser um dos casais mais discretos do mundo dos artistas, eles viraram uma espécie de "prêmio" àqueles que conseguem a façanha de entrevistá-los. Obrigada por essas páginas.
Lucimar Campos, Goiânia (GO)

ENCANTADO
A edição do mês passado fez eu me tornar uma assinante eterna! Amei a matéria do Flávio Canto... Ele é demais. Realmente um encanto.
Rita Raupp, Três Cachoeiras (RS)

MAIS OUSADIA!
Sou assinante da ***Tpm*** há dois anos. Vocês são responsáveis pela revista mais inteligente e direta feita para a mulher moderna. Pretendo não deixá-los nunca, mas, como nada é perfeito, tenho uma reclamação: por que a *Trip* tem mulheres tão à vontade e a ***Tpm*** tem que ser tão recatada? Não quero homens com "membros de fora", mas mais insinuantes me deixariam (e a várias amigas também) muito mais feliz.
Rita de Cássia Lima Fernandes, São Paulo (SP)

INCRÍVEL MILLY
Assino a ***Tpm*** há dois anos (em fevereiro renovo pela 3ª vez). Amo esta revista! Sem dúvida, a melhor feminina do Brasil. A colunista Milly é linda, inteligente e bem-humorada. Parabéns!
Fernanda Obregon, Caxias do Sul (RS)

JOÃO PAULO CUENCA, O PENETRA
Tenho um certo preconceito com revistas "femininas", mas preciso parar com esse tipo de coisa porque ia perdendo uma grande oportunidade de conhecer ótimos colunistas. Parabéns pela sua coluna, Cuenca!
Cláudia, Fortaleza (CE)

MARA MARAVILHA
Estou lhe mandando este e-mail para dizer o quanto acho você uma pessoa corajosa. Espero que você se torne vereadora, pois nós, brasileiros, precisamos de pessoas determinadas e honestas como você.
Raquel, por e-mail

FOI MAL
A bolsa da Giovana Hasler que aparece na moda da ***Tpm*** # 37 custa R$ 129.

BADULAQUE

Numa edição que trata exclusivamente sobre a fama e os paradoxos e percalços intrínsecos a ela, não podemos deixar de mencionar as diversas armadilhas que o tema costuma largar, aqui e ali, para colher os incautos. Em nossa última edição, realizamos uma crítica jocosa à personagem mini-Ana Paula Arósio do comercial da Embratel. Todavia, deixando clara nossa imparcialidade e desejo de observar, discutir e criticar profissionalmente através do jornalismo um fenômeno tão complexo como a mídia de massa, acreditamos ser importante ressaltar outros aspectos deste assunto ouvindo o pai da pequena atriz, Rogério Romolo: "Os comentários *[sobre a participação da filha nesses comerciais]* são muitos e variados, mas, em sua grande maioria, positivos. Aqueles que não são, mesmo os mais debochados ou críticos, por mais que tenham nos chateado, nunca passaram de um certo limite ético. Mas quando vimos na ***Tpm*** nossa filha em uma imagem modificada no computador segurando uma arma achamos que era um pouco demais. Essa é, para mim e minha família, uma experiência nova porque nunca havíamos sido expostos na mídia de massa ou em outra qualquer. E, como toda nova jornada, vamos descobrindo nossos limites no decorrer do período."

PARA **ASSINAR** A **Tpm**, ESCREVA PARA TRIP@TELETARGET.COM.BR OU TELEFONE PARA **(11) 3038 1480**, DE 2ª A 6ª, DAS 8H AS 20H.

PEÇA PELO NÚMERO QUE A GENTE MANDA A REVISTA. ENVIE UM CHEQUE NOMINAL OU VALE-POSTAL NO VALOR DE R$ 7,50 PARA A TRIP EDITORA E PROPAGANDA S/A E RECEBA A EDIÇÃO QUE VOCÊ ESCOLHER PELO CORREIO, NA SUA CASA. ENVIE TAMBÉM UM TELEFONE PARA CONTATO. NOSSO ENDEREÇO: RUA LISBOA, 78, 05413-000, SÃO PAULO, SP, AOS CUIDADOS DO DEPTO. DE CIRCULAÇÃO.

Materiał chroniony prawem autorskim

GET ON THE BOAT!
BANANA BOAT
BANANA BOAT
Dark Tanning Oil
SPF 4
MOISTURIZING
ALOE VERA

havaianas
Flash
35-36

havaianas
havaianas
havaianas
havaianas
www.havaianas.com.br

A CARA DA CARAS

Como falar do fenômeno celebridades sem tocar no nome de uma das maiores representantes dessa manifestação no Brasil, a revista Caras? Tão difícil que fomos até a redação da publicação conversar com sua editora chefe, a jornalista Andréa Dantas *por Milly Lacombe*

Andréa com algumas das personalidades que conheceu durante seus anos de *Caras*: Em 97, com Sophia Loren; no começo do ano, com Roberto Carlos; e em 97 em Monaco, com George e Barbara Bush

Eu leio, você lê, ela lê. A bem da verdade, 6 milhões de pessoas por semana lêem. *Caras* é um dos maiores sucessos da história da mídia impressa do Brasil. Em tiragem (sao 310 mil exemplares por semana), em assinatura (são 160 mil em território nacional) e em publicidade (de janeiro a junho foram vendidas 1 557 páginas de anúncio. Aí você calcula que na tabela cada página custa mais ou menos R$ 70 mil e chega a um número que beira R$ 110.000.000). O diabo é que a revista só fala de celebridades, de sol, mar, castelos e viagens mirabolantes. Como eles ousam, se o mundo à nossa volta ameaça ruir e crianças ainda morrem de fome no Nordeste?

Para Andréa Dantas, editora chefe dessa megaoperação, *Caras* é um grande tratado sociológico do Brasil. O argumento dela talvez faça você parar para pensar: "O Brasil não é só miséria, favelas e pobreza. O Brasil também é o mundo de *Caras* e antes fosse apenas isso".

Café e bom papo

Nesta edição, não apenas desembarcamos na Ilha de Caras *[página 58]*, mas também na redação da revista, localizada num imponente prédio na avenida Eng. Luis Carlos Berrini, região comercial de São Paulo. Não fomos recebidos com pedras, como alguns poderiam supor já que adoramos pegar no pé da semanal. Muito pelo contrário. Tá certo que o café servido, como me alertou a própria Andréa, nao entrará para a lista dos mais deliciosos do quarteirão, mas saí de lá com a nítida impressão de que todos os 100 funcionarios da publicaçao, que nasceu na Argentina, se fortaleceu no Brasil e já vendeu mais de 8 milhões de talheres (os tais que vinham encartados na revista), bebem o mesmo café que me foi oferecido. Não era nada pessoal, portanto.

Nosso papo com a diretora de redação da revista — uma jornalista de 39 anos, mãe de dois filhos (Bernardo, 5, e Ana Luiza, 3) e que já cobriu política e economia nos principais veículos do país — serviu para colocar várias coisas em perspectiva. Até mesmo essa nossa incorrigível mania de acreditar que a vida, para ser séria e significativa, precisa ser sempre profunda, sempre intelectualizada e sempre reflexiva

Andréa com a amiga Carolina Dieckmann no Castelo de Caras, em 97; e, em 98, com Linda Evangelista, no Rio

Qual é o critério para sair na Caras?
Tem que ser uma pessoa de destaque na sua área, um destaque positivo, porque tem gente que se destaca por ser trash e esse não é o espírito. Mas isso não basta. Por exemplo, os big brothers não são matéria, são no máximo notinhas, porque são uma coisa efêmera.

A Caras é um termômetro da fama?
A *Caras* seria uma bolsa de valores da fama. Quem está mais em capa é quem está em evidência. Por isso os assessores trabalham tanto para tentar emplacar uma matéria, porque valoriza a pessoa.

Tem alguém que já fez alguma coisa muito bizarra para sair na revista?

"O Brasil não é só miséria, não é só favela e antes fosse apenas o mundo de Caras"

Tem um golpe que a gente ri muito principalmente na época de ilha. Liga um artista e fala: "Alguém da *Caras* me ligou pra convidar para ir para a ilha e eu não lembro quem foi. Mas tudo bem, eu posso ir". Só que ninguém ligou, entendeu?

Já foi dito que o mundo se divide em pessoas que topam sair na Caras e pessoas que não topam sair na Caras. É assim mesmo?
Não acho. Mas a gente adoraria fazer a casa dos Safra, por exemplo. Eles já saíram na *Caras*, mas, até por motivos de segurança, não abrem a casa. Outra: a gente nunca conseguiu, por motivo de agenda, levar o Pelé para a ilha ou para o castelo. Esse é outro sonho.

O Estadão publicou um artigo crítico em relação ao lançamento da Carinhas [o novo filhote de Caras, que usa a mesma receita para mostrar crianças]. Você viu?
A pessoa que escreveu aquela matéria, não é que ela não goste da *Carinhas*, ela não gosta de criança. Isso é questão de diva, não é questão de ficar falando mal da *Caras* ou da *Carinhas*. A mesma crítica que faziam há dez anos fazem hoje, então você fala: "Nossa, estamos mal de intelectuais". Porque eles não são capazes de mudar o disco, de criticar outro aspecto. E a *Caras* não para de crescer. Então tem alguma coisa errada com essa análise.

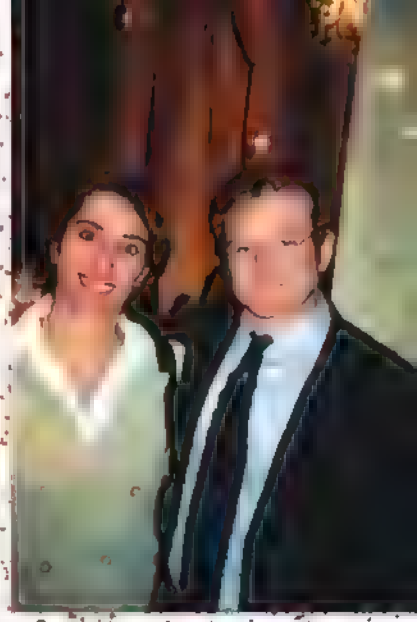
Quem lê a Carinhas?
Pais e filhos, mas mais filhos. Minha filha, por exemplo, sabe quem é Sasha e gosta de ler sobre ela. As crianças se divertem. E não tem nada de errado com isso.

Você já deixou de comprar foto de paparazzi por não achar que era ética?
Já, já. Já chegamos a comprar uma foto apenas para não publicar, entendeu? Tipo: um casal está se separando e não avisou o filho. Aí chega aqui uma foto do pai com outra. A gente compra, para que ninguém dê, e espera um pouco. Pra que criar um drama de família? Temos um código moral, uma cartilha ética.

O que você acha que mudou no mercado de celebridades nesses 11 anos de vida da Caras?
O artista passou a ser valorizado. Porque antes até existia a *Contigo!* mas quem era a capa da revista? O personagem, não o artista. E a *Caras* reposicionou o *star system* brasileiro. Na Europa você acaba falando mais da realeza. Nos Estados Unidos, de Hollywood. E, no Brasil, nossa Hollywood é a televisão. Os jornais e as revistas ditas sérias passaram a entrevistar muito mais celebridades depois da *Caras*. Então, mesmo que seja um plano econômico, tá lá o que a Carolina Ferraz acha sobre aquilo. Foi parar na primeira página da *Folha* quando a Thereza Collor começou a namorar o filho do Fernando Henrique. Isso não é um assunto "*Caras*"?

Como é um dia normal de trabalho na redação?
Tem quem ache que a nossa vida é ilha, castelo, festas maravilhosas... Fico aqui 10, 12 horas por dia, recebo 200 e-mails por dia de assessores querendo divulgar seus clientes. Uma coisa que toma tempo é conseguir fotos porque na *Caras* a gente não fala nada que não tenha foto. E a foto precisa ser tão nova quanto a notícia.

Com Gerald Thomas, em 98, com o oscarizado Robin Williams na festa do Oscar



Você já deixou de dar uma notícia porque não tinha foto?
Muitas vezes. O Huck e a Angélica, por exemplo. A gente já sabia que eles estavam juntos, mas não tinha a foto então teve que esperar

"A Caras é um grande tratado sociológico"

Existe essa diretriz na linha editorial da revista de só poder falar bem, nunca mal de alguém?
Os jornalistas falam isso em tom de crítica: "Mas vocês só falam bem". É, a gente só fala bem. Tem gente que fala que a revista não trata de assuntos sérios. Mas a *Caras* não nasceu com a pretensão de ser uma revista de informação, de ser uma semanal de notícias. Eu acho que a *Caras* é cobrada por coisas que não é ela que tem que fazer. E essa coisa de falar da fama mudou tanto depois da *Caras* que até outras revistas e outros jornais passaram a dar matérias, digamos, "*Caras*". Nas últimas duas entrevistas de *Veja*, nas páginas amarelas, eles expuseram personagens de *Caras [Yara Baumgart, em 20 de outubro, e Mônica Dallari, 27 de outubro]*. Claro, com enfoques completamente diferentes, porque a mesma resposta você pode editar de forma a deixar a pessoa numa situação constrangedora ou não. Aqui é assim: se a gente não tem nada de bom pra falar daquela pessoa, a gente não fala daquela pessoa

O mesmo critério vale para as fotos?
A gente seleciona as fotos para a pessoa parecer o mais bonita possível. Não é nossa intenção fazer aquela foto da pessoa mastigando de boca aberta só pra parecer que você é inusitado. Tipo: para ser inusitado vamos publicar a foto da pessoa na hora em que ela abriu a perna e mostrou mais do que queria. Quando a gente publica um vestido de que a gente não gosta, a gente não detona a pessoa que está vestindo ele. Me fazem muito essa observação: "Vocês publicaram fotos feias na seção estilo!". Mas aquela seção se chama "o que se usa" não "o que se deve usar". Não é uma revista de moda. Por outro lado a gente acaba sendo mais forte do que as revistas de moda porque aquilo é o que o Brasil inteiro vai usar. Gostem ou não, ali estão as pessoas mais glamorosas.

E isso em âmbito nacional.
É, mas quando a gente publica "estilo festa de 15 anos no Mato Grosso do Sul" é completamente diferente do que no Rio, porque o Brasil é grande, não é uma coisinha que todo mundo pensa igual e gosta das mesmas coisas. Músicos que fazem sucesso em determinados lugares não são os mesmos de Ipanema. Se você pega os 11 anos de vida de *Caras* você tem uma amostra do que é o Brasil. Aí as pessoas falam que é uma amostra falsa. Não é. Aquilo também é Brasil. O Brasil não é só a miséria, não é só as favelas e quisera fosse apenas o mundo de *Caras*. O fato de ter tanta miséria não faz do que aparece em *Caras* um alienado, um mundo que não existe. Existe também. Por isso eu digo que a *Caras* é um grande tratado sociológico do Brasil.

Você acha que o jornalista é aquele que tem que falar mal, e até por isso demoramos a engolir a Caras?
É, eu acho. Porque o público não acha ruim que a *Caras* só fale bem.

É aquilo de o crítico achar que tem que falar mal do filme mesmo que tenha gostado?
Exatamente. O jornalista acha que para ser respeitado tem que falar mal. E isso eu acho chato. Eu já trabalhei em vários meios de comunicação, com linhas editoriais diversas, e eu sempre falo: "O jornalismo que a gente faz aqui na *Caras* não é inferior ao do *The New York Times*". Só que os enfoques são diferentes, e é isso é que é cobrado errado. A gente não nasceu para fazer análise política, mas quando a gente vai entrevistar um governador a gente também pesquisa, também vai a campo bem informado, tenta ser o mais fiel possível ao que o entrevistado disse. Então as regras do bom jornalismo a gente segue todas. O ranço que existe é da classe jornalística, não do público.

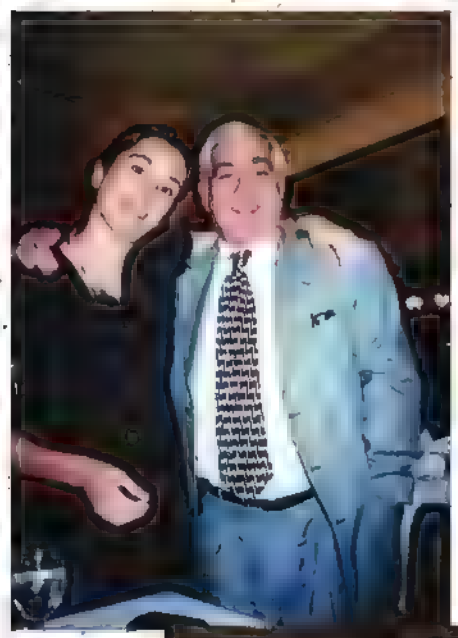
Tipo: "Como vocês ousam ser felizes, leves e soltos?".
É! E mais ou menos isso, como a gente ousa ser feliz? Você acha que

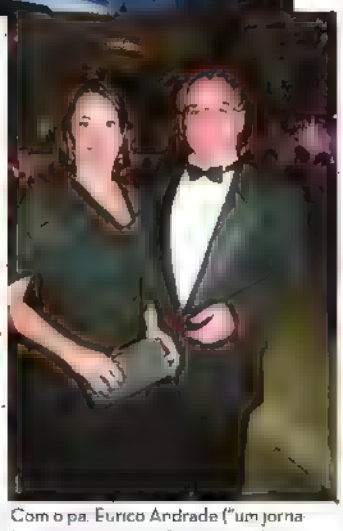
não é uma delícia trabalhar num lugar em que você tá lá no Castelo de Caras, com o Jeremy Irons? Eu numa mesa com Jeremy Irons, Arthur Moreira Lima e Paulo Coelho falando da vida. Quem não gostaria?

E como você, uma jornalista que começou cobrindo política, fez essa transição para celebridade?
Comecei na *IstoÉ* fazendo política e economia. De lá fui para a *Veja* e fiz comportamento. Fui chefe da sucursal em Recife em ano de eleição Collor e Lula. Da *Veja* fui para o *Jornal da Tarde*, *Estadão* e daí a Joyce *[Pascowitch]* me convidou para trabalhar com ela na *Folha*.

Foi quando viu que podia fazer celebridade e se divertir?
Foi um aprendizado trabalhar com a Joyce. Lá saquei que não há nada de errado em cobrir gente famosa. E era um colunismo social diferente porque ela não pegava só sociedade, então você dava notas de política, de economia e até falava de gente que não era muito conhecida. Foi uma escola. Aí a *Caras* surgiu no Brasil eu fui convidada para ser correspondente em Nova York.

A Caras é alto-astral, mas, por outro lado, quando a Carolina Dieckmann perdeu o filho vocês a colocaram chorando na capa. É uma decisão muito discutida essa?
É difícil, mas a gente tinha dado aquela capa dela grávida ... É triste? E. Às vezes você não quer dar, não quer incomodar, fazer aquela ligação para saber se está tudo bem quando evidentemente nada está bem, mas





Com o pai Eurico Andrade ("um jornalista como já não se fazem mais"); e com o marido ("parceiro de profissão e de vida há 15 anos")

"A gente adoraria que o casamento do Huck tivesse sido só pra gente"

tem que tentar porque o mesmo leitor que leu que ela estava grávida vai querer saber como a história continua. Trata-se de um grande diário das celebridades: esse se casou com esse, aquele teve filho, separou... Só não podemos interromper a história. Recentemente aconteceu com a Luana, que, óbvio, é uma estrela. Ela tem fama de mal-humorada, mas é simplesmente autêntica. E eu prefiro muito mais uma pessoa que é pá-pum, mesmo que às vezes seja dura com você, do que a eterna boazinha que você nunca sabe o que está escondendo. A gente tinha feito uma capa do Rico Mansur beijando a barriga dela e logo em seguida ela perdeu o neném. Não adianta tentar ocultar: esse é o momento da Luana. Lógico, a gente não vai ligar no hospital, invadir o quarto para tentar a foto, mandar paparazzi. Mas a gente tem que dar a notícia. Eu não sei se ela gostou muito, mas são contingências da profissão

Tem essa coisa de tentar furar seu concorrente?
Tem. A gente adoraria que o casamento do Luciano Huck tivesse sido só pra gente. Mas ele é uma pessoa da mídia, da Globo... De qualquer forma a *Caras* teve mais espaço, nosso fotógrafo pôde entrar e ficar duas horas, os outros não puderam, essas coisas. A primeira vez que a Luciana *[Gimenez]* posou com o *[filho]* Lucas foi na *Caras* e foi uma exclusividade mundial. A Gisele Bündchen, a primeira vez que ela falou: "Sim, namoro o Leonardo Di Caprio" foi para a *Caras*. Ela fala na *Caras*, os sites copiam, as revistas internacionais copiam os sites e aí você vê publicado aqui no Brasil assim: "Conforme publicou o *New York Post*" *[risos]*

DIESEL
-Nature-
Love it while it lasts
SÃO PAULO: R. Oscar Freire, 1009 / Shopping Iguatemi RIO DE JANEIRO: Av. Rogerio Fashion Mall / 2º piso

EDITORAS CONVIDADAS

JULIANA MOTA

28 anos, é jornalista, trabalha com moda e segue em busca de um final feliz

NY DOCES RIO MODA

DOS SETE PECADOS CAPITAIS, QUAL AQUELE QUE MAIS A TENTA E POR QUÊ?

Gula. Amo boa comida, boa bebida, bons amigos em torno da mesa. Prova dessa tentação é justamente o texto abaixo. Ju, num restaurante carioca, prestes a cometer seu pecado predileto

Detalhe da fachada e dos bolinhos da Magnólia Bakery

1 GULA EM NY E NO RIO

Meu caso de amor com a Magnolia Bakery, uma doceria lindinha no West Village, teve um cupido pra lá de especial: a estilista carioca Isabela Capeto, que me apresentou o lugar mês passado, quando estávamos na cidade. Aliás, Magnolia e Isabela combinam. Os doces de uma e as roupas da outra têm o mesmo gostinho das pequenas delícias imperdíveis da vida, sabe? Tudo ali é feito com carinho e tem jeito de doce que a gente só come na casa da vó. O clima é de "resista quem puder". Por conta da pequena produção artesanal, cada pessoa pode comprar no máximo uma dúzia dos famosos cupcakes da casa, um bolinho de chocolate com cobertura de baunilha que derrete na boca como se fosse sorvete. Pintados de cor-de-rosa, verde pistache, amarelo-claro, branco ou marrom, eles ficam expostos na vitrine e são lindos de morrer. Dá vontade de mandar embrulhar todos — mas, felizmente, tem o tal limite da dúzia. Isso sem falar nas outras receitas "old fashioned" como o inacreditável pudim de banana com waffle, a torta crumble de maçã, a torta de limão e a de pêra com pecã. Divinas guloseimas que ganham ainda mais charme graças à decoração antiguinha do local, com tecidos floral em cortinas e vitrines. Puro aconchego que me fez lembrar — e morrer de saudades — da torta crumble da Casa da Tata, uma simpática pâtisserie aqui do Rio. Provei o quitute pela primeira vez cinco anos atrás, quando a gourmet Tata Jube, que dá nome ao lugar, ainda comandava o café do Teatro Carlos Gomes, no centro. Nunca mais esqueci o tal doce. De lá para cá, ela abriu sua nova casa, na Gávea, e segue oferecendo gostosuras como o creme de banana caramelada com baunilha ou o doce diet, também de banana, mas adoçado apenas com passas e suco de laranja. A Casa da Tata é perfeita para um café-da-manhã preguiçoso no fim de semana, com direito a bolo caseiro de laranja e de cenoura e pães doces de passa, ameixa ou chocolate. Vá com toda a calma do mundo e aproveite: é daquelas experiências que fazem o dia ficar mais feliz.

Vá lá: *The Magnolia Bakery: 401 Bleeker Street, West Village, NY. Dica: cupcake (US$ 1,50 cada). Casa da Tata: (21) 2511 0947. R. Professor Manoel Ferreira, 89, Gávea, RJ. Dica: os doces custam a partir de R$ 3,50 e o café-da-manhã com bebida quente, suco, pães e bolo sai por R$ 12,50. A versão que inclui frutas, frios e pão de queijo quentinho feito na casa custa R$ 18*

2 DIANE E DANIELLA

Ando encantada com o trabalho de Diane von Furstenberg, estilista belga que fez fama em Nova York nos animados anos 70, passou um bom tempo fora de cena cuidando da família e, há dois anos, lançou-se novamente no mundo fashion com mais força que nunca. Sua loja no Meatpacking District, em Nova York, é a maior prova disso. O que me conquistou foi a linha vintage, sobretudo os lendários vestidos envelopes, os wrap dresses, como foram batizados. Com incríveis estampas gráficas, de onça e de zebra, a peça se tornou ícone da mulher liberada dos anos 70 e, após vender 5 milhões de peças nos Estados Unidos, rendeu a Diane uma capa no sisudo *The Wall Street Journal* e outra na revista *Newsweek*, ambas em 1976. Os artigos proclamavam que, aos 29 anos, Diane havia se tornado a mais marcante mulher da moda desde Chanel. De fato, ela criou um estilo. Inventou um produto de sucesso, que tem a ver com beleza, conforto e acessibilidade. E digo isso por experiência própria: comprei um lindo wrap verde e posso garantir que é daque e tipo de vestido que faz a gente se sentir poderosa. A trajetória da estilista é tão cheia de vida quanto suas criações.

A estilista Diane em foto recente

Andy Warhol

Diane se casou em 1969 com o príncipe Egon von Furstenberg para logo depois se separar. Frequentou o mais descolado jet set ao lado de seu segundo marido, Barry Diller, com quem viveu intensamente as inesquecíveis noitadas do Studio 54, em Nova York, e do Le Palace, em Paris. Escreveu uma série de livros sobre decoração e beleza e foi retratada por ninguém menos que Andy Warhol, o pai do pop. O mais incrível é que até hoje, aos 57, ela dê o que falar. Fiquei tão encantada que resolvi encomendar umas peças para colocar à venda na Clube Chocolate, onde trabalho. Os vestidos de Diane chegam às lojas do Rio e de São Paulo em meados de novembro. Outra que anda me fascinando e que tem o mesmo astral de Diane é Daniella Helayel, carioca radicada em Londres, cidade onde criou sua marca, a Issa London (o "issa" em questão é uma homenagem ao grito dos surfistas do Rio). Aqui no Brasil, quase ninguém conhece Daniella, mas no exterior a moça é hype total. Sua peça mais bacana? O vestido estilo wrap com estampa retrô. Uma graça!

Vá lá: *Diane von Furstenberg, 389 West 12 Street, Nova York www.dianevonfurstenberg.com. Issa London, se quiser mais informações entre em contato com a própria estilista pelo daniella@issalondon.com*

As colunas de **Daniella Bianchi** e **Lorena Calábria** voltam na próxima edição

EDITORAS CONVIDADAS

JÉSSICA DESILVA

28 anos, publicitária, gostaria de viver num mundo sem despertador

MATEMÁTICA SEXO

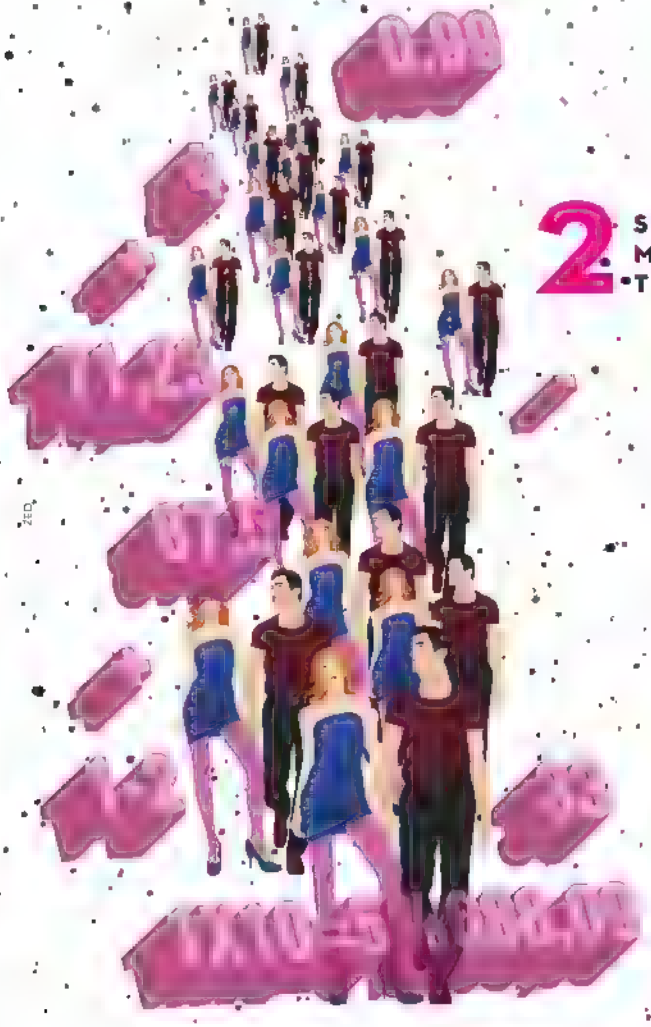
DOS SETE PECADOS CAPITAIS, QUAL AQUELE QUE MAIS A TENTA E POR QUÊ?

Com certeza, a preguiça é o que me tenta mais. Durmo nove horas por dia e acho pouco, muuuito pouco. Se pudesse dormia 12 horas sem a menor culpa...

O despertador de Jessica, programado para acordá-la em horário não conveniente

1 UM COLEGA DO BANDEIRANTES

Desde o começo do ano, faço parte de uma comunidade de ex-alunos do meu colégio, o Bandeirantes, conhecido como antro de nerds e de meninos e meninas prodígios que entram no ITA (Instituto Tecnológico da Aeronáutica) de primeira. Não era o meu caso, e até hoje não sei como consegui me formar. Mas isso é assunto pra uma outra coluna. O fato é que as classes eram divididas por nota. Se sua média final fosse 8, havia grandes chances de você ir para a classe dos crânios, a número 1. Como nunca caí numa dessas classes, jamais fiz amizade com a turma do ITA. Graças à internet, há pouco tempo (re)conheci um ex-colega de Bandeirantes, o Davi Gigno. Ele era daqueles "classe 1". Hoje, faz doutorado em gravitação e cosmologia no Instituto de Física da USP e trabalha com aplicações astrofísicas da relatividade geral (?!). Eu ainda nem acabei a faculdade, e ele já defendeu a tese de mestrado em buracos negros e termodinâmica, mas deixemos isso pra lá. Conversa vai, conversa vem, Davi me provou que as derivativas e outros pesadelos que aprendemos na escola têm, sim, aplicação prática na nossa vida. Duvida? Então preste atenção na nota abaixo.



2 SEXO MATEMÁTICO

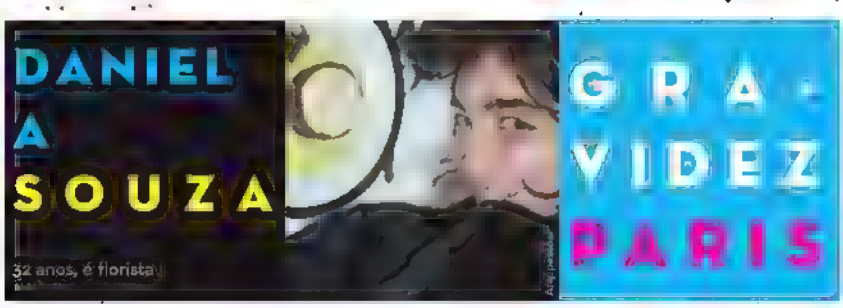
Para provar que fórmulas matemáticas complexas podem ajudar a entender o comportamento humano, Davi citou o exemplo de uma pesquisa feita na Suécia que demonstrou matematicamente qual a chance de uma pessoa ter um, cinco, dez ou cem parceiros ao longo da vida. Segundo Davi, o número de relacionamentos sexuais segue um padrão chamado "rede sem escala" — conceito criado por físicos e matemáticos para ajudar a entender como sistemas complexos se organizam. Utilizando esse conceito, conclui-se que a maioria das pessoas tem no máximo dois parceiros ao longo da vida. Uns poucos chegam a uma dezena e menos ainda batem a marca dos cem. Os pesquisadores suecos aplicaram a tal fórmula de "rede sem escala" em 2 810 homens e mulheres e comprovaram na prática a validade do conceito. Se você ainda não entendeu, é o seguinte: a probabilidade de alguém ter dois relacionamentos na vida é quatro vezes menor do que a de ter apenas um. Mais: para cada grupo de 10 mil que só tiveram um parceiro, deve haver 2 500 que tiveram dois, umas 400 que chegaram a cinco, cem que tiveram dez e uma única que se deitou com cem. Longe de ser mera curiosidade acadêmica, as "redes sem escala" servem para calcular o ritmo de contágio de algumas epidemias e também ajuda empresas a rever estratégias de produção para atingir um público maior e maximizar os lucros. Legal, né?

Vá lá: *para saber mais sobre redes sem escala leia* Linked – The New Science of Networks, *de Albert-László Barabási. À venda por R$ 111 na Livraria Cultura, (11) 3170 4033*

E você, quantos parceiros teve? Entre no **www.tpm.com.br**, responda ao questionário e colabore com a ciência brasileira. Confira o resultado na próxima edição.

Pepsi Twist.
A Pepsi com um toque de limão.
Também na versão light.
PEPSI
Twist
A mapBBDO

EDITORAS CONVIDADAS



DOS SETE PECADOS CAPITAIS, QUAL AQUELE QUE MAIS A TENTA E POR QUÊ?

Gula, gula. Estou sempre disposta a comer e algumas vezes perco totalmente o controle, principalmente quando o assunto é bolo ou croquete de carne.

Dani posa com sua mais cruel tentação: a sobremesa

1 NOVE MESES

Fernanda, 27, além de ser minha irmã querida, é psicóloga e em novembro de 2003 teve seu primeiro filho, o João Francisco (meu afilhado, diga-se de passagem). Ela sempre teve uma queda para tudo o que é zen e, quando ficou grávida, decidiu cultivar a fundo seus melhores hábitos (alimentação natural, ioga, reflexões sobre maternidade) a fim de entrar para a história como protagonista da gravidez mais saudável de todos os tempos. Dito e feito, como sempre acontece quando ela coloca uma coisa na cabeça. Passou pela fase com sobras de bom comportamento e sem queixas. Resultado: uniu as informações adquiridas durante a gestação com seus conhecimentos em psicologia e bolou um serviço de assistência às mães de primeira viagem – antes, durante e depois da gravidez.

Fernanda (à dir.) e sua sócia Natália no consultório

Massagens e relaxamento

Com sua sócia e colega de faculdade, Natália Barbieri, 27, abriu um consultório de assessoria a grávidas. A meta delas é preparar as moças para a nova vida, esclarecer dúvidas e compartilhar experiências. Em sessões semanais de uma hora, individuais ou em grupo, elas fazem com suas clientes exercícios de relaxamento, respiração e massagens, que mais tarde podem ser aplicadas também no bebê. Nas consultas, não há discriminação de temas: fala-se de questionamentos existenciais a enxovais. Os futuros pais também participam. Primeiro em consulta exclusiva, para discutir as angústias do novo papel. Depois, ao lado das mulheres, aprendem a ajudar na hora do parto, dar banho, trocar fraldas, enfim, aprendem a serem pais de verdade.

Vá lá: *3083 5069, R. Francisco Leitão, 240, casa 4, Pinheiros, São Paulo. Quatro sessões mensais de uma hora custam R$ 250.*

PEPSI
Twist
350 ml
Pepsi Twist.
A Pepsi com um toque
de limão.
Também na versão light.
A mapBBDO

EDITORAS CONVIDADAS DANIELA SOUZA PINTO

Sandália da nova coleção da Yazbukey

2 DUAS TURCAS DO BARULHO

Resolvi aproveitar o fato de estar morando temporariamente em Paris *[minha saga até a capital francesa está narrada na Tpm # 36]*, a sede mundial da moda, para tentar um estágio mais "fashion" e respirar outros ares que não só o de flores e plantas, minha especialidade. Com a cara de pau que só os brasileiros têm, fui bater à porta das irmãs turcas Yaz e Emel Bukey, duas das mais modernas e requisitadas estilistas de acessórios da Europa atualmente. Tá certo que elas são amigas do meu namorado, o David, mas a verdade é que, dada a importância de ambas na moda parisiense hoje, foi mesmo muita petulância minha tentar uma vaga no Yazbukey, o ateliê delas, que fica no Marais. Qual não foi minha surpresa quando Yaz e Emel disseram sim

Saga exótica

Estou lá desde setembro e me apaixonei pelo estilo meio "punk anos 80" das criações das meninas, que hoje fazem não apenas acessórios, mas também camisetas e vestidos básicos. Minha função ali é de pura mão-de-obra: sou eu que faço os protótipos dos acessórios que elas confeccionam na Turquia e vendem em lojas sofisticadas de Paris. A saga das duas é quase tão exótica quanto as peças que elas produzem. Yaz, 28, e Emel, 26, são turco-otomanas, sobrinhas do rei Farouk, o penúltimo monarca egípcio, exilado na Europa desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Passaram a infância ziguezagueando pelo Velho Continente até que decidiram fixar residência na França. Em Paris, Yaz estudou desenho industrial e, depois, se especializou em moda no renomado Studio Berçot. Emel também fez o Berçot, onde agora leciona. Vendo as meninas trabalharem assim tão de perto, saquei que o grande barato é não se prender a padrões e fazer aquilo que vem à cabeça. Elas não têm pudor de criar, por exemplo, broches gigantescos. Nem de passear toda uma coleção (a atual) na Cicciolina, a mundialmente famosa ex-atriz pornô italiana.

25 de Março

Além disso, as duas são muito doces e simples no trato. Para você ter uma idéia, desde que cheguei, Yaz e Emel não param de dizer que o novo sonho delas é passear comigo pela rua 25 de Março *[um mercado livre no centro de São Paulo, como o Saara carioca ou a Baixa dos Sapateiros em Salvador]* para comprar bugigangas. Se você ficou curiosa para conhecer o trabalho das duas, não deixe de dar uma navegada pelo site. Tenho certeza de que logo mais elas vão dar um jeito de despachar seus produtos para o Brasil.

Vá lá: *www.yazbukey.com*

Fotos: divulgação

Um dos wrap dresses criados por Diane

Pepsi Twist.
A Pepsi com um toque
de limão.
Também na versão light.
PEPSI
Twist

AImap6600

CARILLO PASTORE EURO RSCG

A Universidade Anhembi Morumbi mantém-se na vanguarda do Ensino Superior como uma instituição que antecipa as tendências de mercado, oferece ensino dinâmico e propostas alternativas à capacitação de profissionais para o atual mercado de trabalho.
Se você está buscando inovação, compromisso, criatividade e visão de negócios, é nessa Universidade que você tem que estar.
Inscreva-se já
www.anhembi.br
0800 159020
universidade

Crise de identidade

Em 1986, Paulo Ricardo era o líder do RPM, a banda que fez o disco mais vendido da história do rock nacional. Dez anos depois, tinha virado cantor romântico. A mudança abissal de personalidade deixou o moço desacreditado até mesmo entre fãs fiéis. Agora, aos 42 anos, ele acha que atingiu a maturidade e decide: **seu negócio é mesmo rock**

fotos Christian Gaul por Nina Lemos

"O Paulo é o maior desperdício de talento que já vi na minha vida. Tem um talento natural imenso, mas ofuscado por um egocentrismo ainda maior que o impede de manter uma carreira coerente. Se parasse de olhar para o próprio umbigo e mantivesse o foco no trabalho, certamente seria um artista de enorme sucesso, não só no Brasil. Algo comparável a Elton John ou Rod Stewart. Espero realmente que ele agora consiga se manter nos trilhos." (**Luiz Schiavon**, ex-companheiro de RPM)

"Fiquei feliz com a musicalidade do Paulo, mente e coração abertos para o novo. Nos tornamos parceiros, ele respira música."(**Juninho**, da dupla Sonic Junior, co-produziu *Zum Zum*, disco da nova banda de Paulo Ricardo, a PR.5)

"Conheci o Paulo na ECA *[Escola de Comunicação e Artes da USP]* em 1982. Tínhamos eu, ele, o Rui Mendes e o Marcelo Paiva um grupo anarquista chamado Os Picaretas. O Paulo é um cara com um coração do tamanho de um bonde e sempre foi brilhante. Na época em que tocava com ele na ECA, a banda se chamava Pif Paf, só um ano mais tarde viraria RPM. Quando o RPM estourou, pra mim foi uma tortura... Tinha começado a trabalhar na *Veja*, não tinha computador na época, passava as madrugadas na máquina de escrever, e ainda tinha que agüentar meia redação me tirando um sarro porque aquele era o preço que eu pagava por ter deixado a música. Diziam que eu era o Pete Best brazuca *[o quinto Beatle, que saiu da banda pouco antes dos garotos de Liverpool explodirem]*. Em janeiro passado, o Paulo me procurou pra que eu emprestasse a ele meus instrumentos raros, uma guitarra de dois braços que foi do Jimmy Page, um processador Ultra Harmonizer Eventide Eclipse (que só eu tenho no Brasil) e um violão Martin ano 1928! Gravei algumas guitarras no disco do PR.5. O Paulo ter me procurado para gravar com ele 22 anos depois foi um acerto de contas entre eu e meus recalques mais profundos... A idéia de que eu era um Pete Best ficou enterrada em mim anos, como um sapo de macumba..." (**Cláudio Julio Tognolli**, repórter especial da rádio Jovem Pan, professor da ECA-USP e da Unifiam (SP)

1986. A mãe de uma amiga nos deixa na porta do Canecão, a casa de shows mais famosa do Rio de Janeiro. Estamos emocionadas. Claro, vamos ver um show do RPM. Todas nós temos o disco *Revoluções Por Minuto* e sabemos a letra de "Olhar 43" de cor. Fora que o Paulo Ricardo é lindo, incrível. Apesar de preferir casar com o Renato Russo (que tinha acabado de lançar seu disco *Dois* com a Legião), entro na histeria e grito quando ele surge tocando baixo.

2004. Paulo Ricardo recebe a *Tpm* no apartamento onde mora com a mulher, a arquiteta e socialite Raquel Silveira, e os três filhos dela. Apesar de estar empolgado com o lançamento do primeiro CD de sua nova banda, a PR.5, ele não se importa de voltar ao passado e lembrar a época em que foi o maior pop star do Brasil. *Rádio Pirata ao Vivo*, o segundo disco do RPM, vendeu 2,7 milhões de cópias e entrou para a história como o maior sucesso do rock brasileiro. Hoje longe dos holofotes histéricos, Paulo Ricardo tem tempo de responder pessoalmente a todos os e-mails que recebe das fãs. Não é mais perseguido por ninguém, mas parece ter lidado bem com a perda do estreato

Com zero de atitude afetada, transforma a entrevista num bate-papo e convida a reportagem a continuar a conversa no carro: precisa ir até a MTV para entregar uma fita de seu novo clipe a Ana Butler, diretora de relações artísticas da emissora. Ele não tem empresario e cuida da divulgação da banda sozinho. Depois de entregar a tal fita, entramos na padaria ao lado da MTV. Paulo anda até o caixa e ninguém pede seu autografo. E ele não se ressente com isso. "Não sinto falta daquele momento beatlemania."

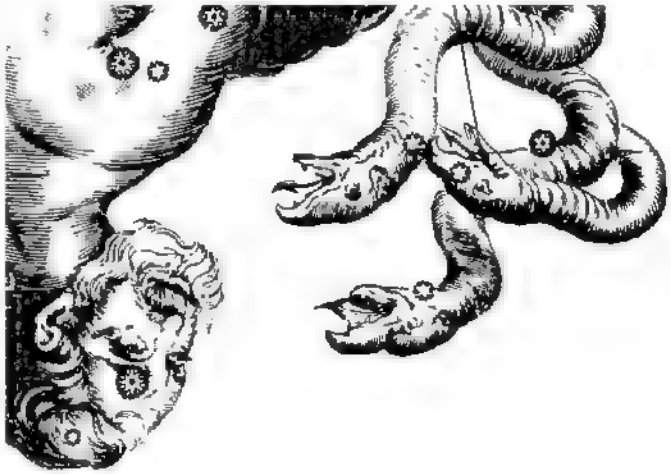
Surto

Talvez a falta de nostalgia seja porque as coisas nao iam tão bem com meu ídolo de adolescência depois que ele saia do palco do Canecão. "Não estava preparado para aquela fama. Tinha uma briga de egos dentro da banda, um querendo aparecer mais que o outro. Isso tudo acontecendo com um moleque de 23 anos, que ainda por cima abusava de algumas substâncias. " Pergunto se ele surtou. "Basicamente é isso. A banda fazia shows de terça a domingo. Não tinha tempo para refletir sobre o que estava acontecendo."

O surto piorou quando o terceiro disco da banda, *Os Quatro Coiotes*, não foi bem recebido pela crítica "Tínhamos uma crise de querer mostrar que éramos muito inteligentes, não aceitávamos o rótulo pop. Daí fizemos um disco cheio de misturas de rock com MPB, com letras complicadas." *Quatro Coiotes* vendeu 200 mil cópias. Nao é pouco, mas as críticas negativas incendiaram a já tumultuada relação dentro da banda. O RPM acabou em 89, e Paulo ficou perdido. "Estava achando tudo muito pesado, queria dar um tempo daquela coisa de rock."

Em 97, resolve tentar a sorte como cantor romântico. E é bombardeado por todos os lados. Até a filha, Paola, hoje com 17 anos, torceu o nariz para a nova persona do pai. "Ela gosta de punk rock, então, questionava pra caramba minha carreira naquela época "

Hoje Paulo diz que "voltou a ser um homem do rock". Mas espera ser um homem do rock bem diferente do estereótipo que encarnou na fase RPM, de "cara-se-drogando-no-camarim-falando-de-mulher". Depois de passar algumas horas no imenso apartamento onde ele mora com a família, a gente percebe que esse estereótipo de fato ficou enterrado. Antônio, de 8 anos, entra na sala e pergunta a Paulo o que é um cavalo puro-sangue. O cantor explica para o menino com toda a paciência do mundo. Um pouco depois ele volta com outra dúvida. "O gato Felix é da Disney?" Paulo explica, mais uma vez, com jeito de quem está adorando a conversa. De verdade. Depois dessa, ele ganha a simpatia da reportagem da *Tpm*. E nem precisa cantar "Olhar 43" e mostrar os ombros para nos convencer



Qual a expressão que você usa sem parar? Maravilha!
Qual a maior cagada que você já fez na vida? O fim do RPM em 89.
Quem é a pessoa que você mais admira? São duas. Meu pai, Waldeck, e minha mulher, Raquel
O que mais detesta em você? A indisciplina.
Qual foi a última vez que você brigou de sair na mão? Com quem? No Hell's Club, *[clube nos Jardins, em São Paulo, hoje rebatizado de Heaven]* em 96, com um bêbado
Qual a última vez que você bateu boca? Com quem? Foi pela internet, respondendo um e-mail malcriado dos meus ex-companheiros do RPM, Deluqui e Schiavon
Do que você nunca sente saudade dos tempos do RPM? O final. Foi lento, tenso e desgastante
Que música você gostaria de cantar para sempre? "A Cruz e a Espada"
Qual a trilha sonora que você escolheria para o seu velório? "Rock-'n'roll" do Led Zeppelin, "Samba do Avião" de Tom Jobim, "Karmacoma" do Massive Attack, "Bela Lugosi's Dead" do Bauhaus e "A Kind of Blue" de Miles Davis.
A palavra mais bacana da língua portuguesa? Saudade
Sonho de consumo? Um LearJet do PR-5.
Cidade que é sua cara? Apesar de ser carioca, São Paulo.
Um filme? Cães de Aluguel, do Tarantino
Um livro? I Ching.
A melhor letra de rock? "Like a Rolling Stone", do Bob Dylan
E de MPB? "Construção", de Chico Buarque
Qual seu nome favorito? O de minha filha, Paola.
Como você se imagina aos 60 anos? Em turnê
Para que time você jamais torceria? O Goiás, que acabou de golear o Flamenguense, meu time

TRIP **Paulo Ricardo** é o entrevistado das Páginas Negras da *Trip* deste mês

Veja mais fotos de Paulo Ricardo no nosso site **www.revistatrip.com.br**

Estilo **Caroline Gold** Assistente de fotografia **Leo Mendes** Beleza **Bruno Miranda**

PARA TODAS AS ESPÉCIES.

chilli beans

www.chillibeans.com.br | Todos os óculos Chilli Beans têm proteção contra raios U.V.

A corda bamba da fama

A celebridade que reclama da falta de privacidade é logo tachada de arrogante e estrela. Pior: pode ser condenada ao obscurantismo. E não há nada que as deixe mais apavoradas que isso

*por Nara Damante**

Ser admirado, querido e reconhecido é um dos desejos mais primários do ser humano. Começa muito cedo, quando fazemos uma gracinha na infância e ganhamos aplausos e beijinhos em sinal de simpatia e apreço. O problema é que crescemos, e nossas necessidades de afeto também.

Dizem os dicionários que fama é "a qualidade do que (ou de quem) é notório, célebre, glorioso, renomado, ou aquele que ganha destaque ou publicidade". Na atualidade, o termo vem sendo mais utilizado para designar o segundo grupo, o das celebridades instantâneas. Para chegar lá, os limites parecem ser a própria sorte, muito mais que o talento, que nunca foi tão subjetivo.

O Brasil cultua e valoriza quem consegue se sobressair por um feito, um atributo, uma arte ou mesmo pelo simples acaso. O que pode soar como complexo de inferioridade no país do contraste social encontra similaridade na rica Inglaterra, por exemplo. Nem Lady Diana, que sabia muito bem como e quando usar os recursos da mídia, escapou da sede dos paparazzi e, conseqüentemente, de seus súditos. De professorinha a princesa, os ingleses (e o mundo) conheceram sua vida e a transformaram num mito, posto máximo almejado pelos candidatos a fama.

A morte – seja ela real, seja representativa do fim de carreira – pode ser o preço dessa batalha árdua, que envolve estar na boca do povo, se tornar popular (e/ou popularesco, de acordo com a ambição), ser apontado na rua – num misto de inveja e admiração, receber convites para festas badaladas, ser fotografado pela *Caras*... Se lhe oferecem o paraíso na Terra, em contrapartida a celebridade entrega o corpo e a alma, tornando-se uma pessoa pública, contradição de termos que está cada vez mais em uso.

O valor da individualidade e o direito à privacidade passam a ser bens demasiado luxuosos para uso diário. Reclamar da falta de um deles, então, pode ser sinônimo de arrogância, estrelismo, ou pior: de ser condenado ao obscurantismo. O famoso precisa transitar na corda bamba da popularidade, superando os ventos da escravidão para manter a imagem e, ao mesmo tempo, afastar para bem longe a ameaça do esquecimento por parte do público.

Mas nada disso parece abalar a vontade coletiva de querer ser famoso. No jogo de construção da fama, forjada por profissionais altamente capacitados em marketing e mídia, o talento é apenas uma das variáveis em que estratégias, oportunidades, indicações, sorte, competência e tantos outros ingredientes se confundem e se misturam. É por isso que os reality shows, que pareciam ser apenas um formato de programa de televisão, acabaram se transformando num vestibular para a fama fugaz. E bota fugaz nisso. Ou alguém se lembra de algum popstar revelado no *Big Brother* ou na *Casa dos Artistas*?

Nesse início de século 21, os paradigmas de qualidade são perdidos com a mesma facilidade que uma bomba destrói a vida de uma criança no Oriente Médio. Não há inocência no universo das celebridades. Como prova dessa volatilidade, ser célebre, sinônimo de ilustre, ganhou novas e discutíveis conotações. Estar na crista da onda hoje pode significar ter que pedir esmola num programa de grande audiência da TV amanhã. E assim ninguém mais é, mas está celebridade.

**Nara Damante é jornalista e autora do livro* Fama – Como se Tornar uma Celebridade, *publicado pela editora Matrix.*

(11) 3735 2999 www.smsantamaria.com.br

GENÉRICAS

Hebe Camargo, Sônia Braga e Claudia Raya nunca deram uma entrevista na vida. Hebe é uma pacata dona de casa de Bragança Paulista; Sônia, mãe de cinco filhos, mora numa casinha humilde da periferia de São Paulo; Claudia trabalha como assessora de imprensa em Campinas. Ao contrário de suas homônimas, não vivem sob as luzes da ribalta. Nem por isso suas histórias são menos interessantes

FUGINDO DA RAIA

CLAUDIA RAYA MORA EM CAMPINAS COM O MARIDO E DUAS FILHAS. ASSESSORA DE IMPRENSA BEM-SUCEDIDA E CANSADA DE EXPLICAR QUE NÃO ERA ATRIZ DA GLOBO, RESOLVEU MUDAR DE NOME *por Nina Lemos*

Assim como sua xará, Claudia Raya, 42 anos, é uma mulher bonita e vaidosa. Os cabelos compridos e pintados de vermelho são cuidados com escovas que ela mesma faz. Para manter o corpo em cima, acorda todos os dias às 5h20 da manhã e vai até a academia, onde faz spinning e musculação. Nunca sai sem salto e tailleur. "Gasto duas horas me arrumando. A vaidade tem um lado lúdico", ensina. Trata-se daquele tipo de mulher despachada e bem resolvida que chama a atenção em qualquer lugar

Os pontos em comum com sua homônima não param por aí. A Claudia anônima deixou a cidade de Piracicaba, onde nasceu, para morar em Campinas, onde vive com o segundo marido, corretor imobiliário, e as duas filhas, de 20 e 17 anos. A famosa nasceu em Campinas e hoje mora no Rio de Janeiro com o marido Edson Celulari e os dois filhos pequenos. Por pouco, não se cruzaram no interior de São Paulo: enquanto uma ia, a outra vinha.

Nossa Claudia é de uma das mais tradicionais famílias de Piracicaba. Lá, os Raya se perpetuam no comando de uma grande loja de roupas de cama, mesa e banho: as Casas Raya. Quando completou 19 anos, a Claudia de Pira resolveu que não era esse seu negócio. Colegial completo e sem vontade de fazer faculdade, foi para Campinas para trabalhar como promoter de uma casa noturna. Batalhadora, fez seu nome e até flertou com a carreira artística quando alguns amigos ligados ao teatro a convidaram para fazer uma peça. Hoje, é uma bem-sucedida assessora de imprensa

Apesar de achar engraçado ter o mesmo nome de alguém famoso, emprestou o sobrenome do avô e mudou seus registros para Claudia Castilho há dez anos, justamente na época em que fez teatro. "Não queria que as pessoas fossem me ver por engano. Não estava a fim de levar tomate", explica. Claudia, que disse não à carreira de atriz pelas filhas, também estava cansada de ser confundida ao telefone com sua xará. Para arrematar, sua filha se chama Paula, o mesmo nome de outra mulher de fama crescente: Paula Raya, da grife Raia de Goye. Claudia não conhece a Paula Raya famosa, mas ao ser informada do fato disparou: "Deve ser sina".

Tpm. Você gostaria de ser famosa?
Claudia. Não. Prezo minha vida particular. Deve ser chato ter a privacidade invadida. Aceitei dar esta entrevista porque quis. Se você é famoso seu espaço é invadido mesmo que você não queira.

Como aconteceu isso de ser convidada para fazer teatro?
Foi por acaso. Alguns amigos que frequentavam a casa noturna na qual eu trabalhava me convidaram. Disseram que eu era bonita e extrovertida e que seria uma ótima atriz. Fiquei em cartaz aqui em Campinas, era uma produção pequena. Até tinha a possibilidade de fazer outras peças, mas aí teria que mudar para São Paulo e achei que isso não seria bom para as minhas filhas. Me separei quando elas tinham 6 e 3 anos, cuidava delas sozinha aqui em Campinas e tinha a facilidade de pedir para uma amiga pegar as duas na escola se tivesse trabalhando, essas coisas.

Chegou a se arrepender da decisão?
Nunca me arrependi de minhas escolhas. E nunca me ressenti por não ter sido atriz. Minhas filhas nem sabem que eu poderia ter sido famosa *[risos]*, na época em que tudo aconteceu elas eram muito pequenas, tinham 4 e 7 anos. Só vão saber quando lerem esta entrevista. Porque nunca joguei na cara delas aquela culpa: "Olha o que eu deixe. de fazer por vocês!". Fiz o que achava que valia a pena. E as minhas filhas valem muito a pena. Hoje, a mais velha, Paula, é estudante de psicologia e a caçula, Thais, de nutrição.

Elas têm um futuro brilhante pela frente e eu me orgulho muito disso. E tem outra, se eu tivesse mudado para São Paulo, não teria conhecido o Beto, meu atual marido, o amor da minha vida.

Foi quando você trabalhou como atriz que o nome Claudia Raya começou a incomodar?

E eu não queria enganar ninguém. Uma pessoa poderia ir ver a peça achando que era da Claudia Raia, e eu acabaria tomando tomate na cabeça.

"Aceitei dar esta entrevista porque quis. Se você é famoso seu espaço é invadido mesmo que você não queira"

Quando as pessoas começaram a brincar com você por causa do seu nome?

Quando me mudei para Campinas, a Claudia Raia estava começando a estourar no teatro com *Chorus Line*. Logo depois ela fez *Playboy*. Ligavam para o meu pai em Pira e perguntavam: "E a sua filha?". E ele respondia: "Está ótima, mas não é ela que está na capa da *Playboy*".

Já passou alguma saia justa por causa da confusão de nomes?

Antes de ter essa experiência como atriz, comecei a trabalhar como assessora de imprensa. Era chato, porque sempre que eu ligava, as pessoas que não me conheciam falavam: "Claudia Raia? Não acredito, conta outra". E eu tinha que passar horas explicando que não era um trote.

Mesmo tendo mudado de nome as piadinhas continuam?

Claro, os meus amigos chamam meu marido de Edson Celulari *[risos]*

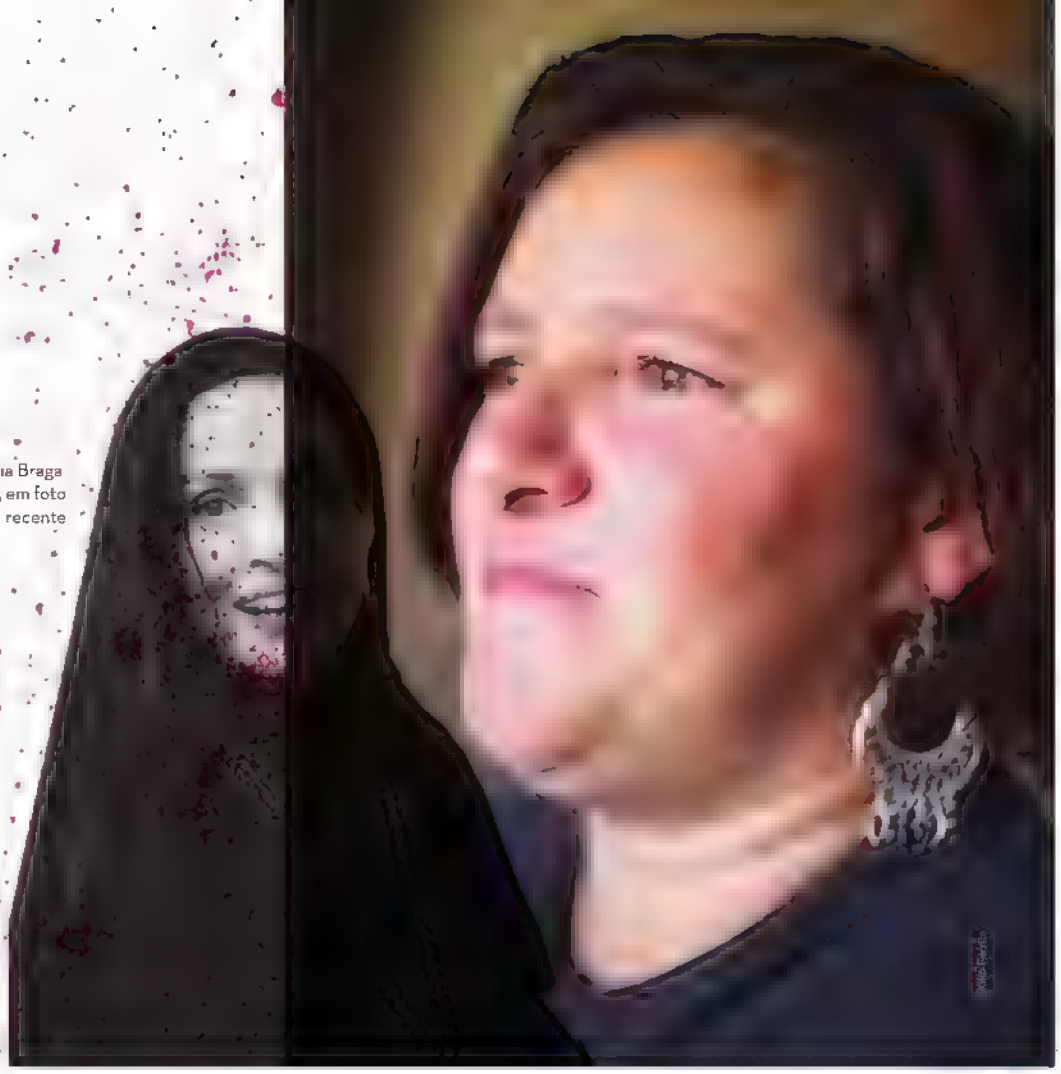
Você admira o trabalho de sua xará?

Não acompanho muito. Mas gostava quando ela trabalhava no *TV Pirata* e fazia aquela personagem, o Tonhão. Era sensacional. Hoje, nem vejo mais muita televisão.

Foi difícil o processo jurídico para mudança de nome?

Foi muito simples. Contratei um advogado, anexamos matérias sobre a Claudia Raia e ficou provado que ter o mesmo nome dela me prejudicava.

Acima à esq. Em 1990. Claudia brinca de ser star e posa para as lentes de um amigo; acima, Claudia hoje; abaixo, em 1992, posando, por farra, com sua bicicleta



A dir., Sônia Braga a anônima, em foto recente

VIDA REAL

CONHEÇA SÔNIA BRAGA, MÃE DE CINCO FILHOS E CIDADÃ DE GUAIANASES, PERIFERIA DE SÃO PAULO *por Ariane Abdallah*

Ela se chama Sônia (Cristina) Braga, mas não é atriz nem mora em Nova York. Aliás, nunca viajou de avião e, desde que nasceu, há 36 anos, vive em Guaianases, bairro da periferia de São Paulo. Desempregada há oito, enquanto não encontra atividade remunerada, trabalha em casa fazendo o que mais gosta: cuidando dos cinco filhos (de quatro pais diferentes, o mais velho com 18, a caçula com 2). Lava, passa e cozinha, e ainda arranja um tempinho para assistir às novelas da Globo e ir ao cinema com o marido pelo menos uma vez por mês. Já conferiu — e adora — alguns filmes da xará, como *O Beijo da Mulher Aranha* (1985) e *A Dama da Lotação* (1978). Seu nome não é uma coincidência: foi sugestão de uma tia para homenagear a atriz. A renda mensal da família da ex-diarista é de R$ 800, mas quando questionada sobre o que inveja na vida da Sônia famosa a anônima faz questão citar a beleza e de dizer que, se pudesse, não teria interrompido os estudos na 5ª série para trabalhar. Mas com o pai açougueiro e a mãe merendeira de uma escola pública, a Sônia Braga de Guaianases não teve escolha. Tivesse tido, poderia, como a Sônia famosa, brilhar.

É um terreno relativamente grande onde há também outras casas, como as de suas irmãs e a de sua mãe. Um esgoto passa por ali e por causa dele a proprietária já procurou ajuda da prefeitura, mas o problema não foi resolvido. Sempre cheia de crianças da vizinhança entrando e saindo, a casa, ao contrário do confortável apartamento de Manhattan da atriz de quem herdou o nome, é pequena, com brinquedos espalhados por toda parte, e tem apenas dois apertadíssimos quartos. Em um deles, divide a cama de casal com o pequeno João Paulo, 5 anos, e improvisa uma para a filha Janaína, de 2, com engradados. No outro minúsculo quarto, dorme Jéssica, 10 anos. Nas paredes da sala, com os tijolos à mostra, quadros e porta-retratos preenchidos com fotos da anfitriã e de seus filhos se misturam a canos e fios. Nos cerca de 10 m² ainda cabem um beliche (é nele que dormem o filho mais velho e Everton, 13), um tanque de lavar roupa e um rádio antigo que, enquanto estive lá, só tocou forró.

Durante as quase duas horas de conversa, deu de mamar para Janaína e supervisionou João Paulo, que brincava com o videogame comprado à prestação no último Dia das Crianças. Foi nessas circunstâncias que conhecemos Sônia Braga.

Tpm. Como é um dia na sua vida?

Sônia. Levanto às cinco da manhã e preparo o café. Cada hora tem um filho que vai pra escola. Enquanto eles vão e vêm, cuido da casa e do meu marido, que vai trabalhar.

Com o que vocês gastam o dinheiro que ganham?

Com mantimentos e produtos de limpeza. Gasto cerca de R$ 250 no supermercado, comprando só o essencial, mesmo: arroz, feijão, óleo, açúcar. Meus filhos gostam muito de banana amassada com leite em pó. Isso não pode faltar. Para mim e meu marido, se tiver água com fubá tá bom, mas para as crianças não.

Em 87, Sônia na frente da casa que mora até hóje; em 96 com familiares dentro de casa e em 1986 na Praia Grande com amigos

O que você faria se ganhasse muito dinheiro?
Pagaria minhas dívidas da reforma da casa e acertaria com o banco os cheques sem fundo em compras de supermercado. E faria um tratamento para corrigir meus dentes *[sua dentição é incompleta]*.

Já passou por alguma situação engraçada por causa do nome?
Uma vez eu cheguei nas lojas Marabraz para fazer uma compra e na hora do cadastro para o parcelamento me falaram: "Se eu fosse a atriz, não compraria a prazo". Outra vez estava no Poupatempo e, quando chegou minha vez de retirar o documento, o atendente anunciou em voz alta que agora era a vez de uma pessoa muito importante para todos ali presentes. Quando falou meu nome, todo mundo levantou pra olhar e levou um susto quando me viu.

Tem vontade de ser famosa?
Toda mulher já nasce famosa só pelo dom de ser mãe. Acho que isso já é a fama, já é ser uma atriz, uma artista.

Você tem cinco filhos. Como foram seus relacionamentos com os pais deles?

"Toda mulher já nasce famosa pelo dom de ser mãe. Isso é fama"

O Ivan foi meu primeiro marido. Começamos a namorar quando tinha 17 anos e ficamos três juntos. Assim que engravidei, com 17 anos, fui morar com a mãe dele, na Cohab Juscelino Kubitschek. Quando acabou, meu filho ficou lá porque eles tinham melhores condições. Depois namorei o Roberto, com quem tive o Everton, o único planejado. No dia em que fui internada para ter o bebê, o pai dele me traiu com minha melhor amiga. Soube oito meses depois. Nunca consegui perdoá-la, mas ele eu perdoei. Aí fiquei cinco meses com o Adelson, que só me contou que era casado depois de algum tempo. Com ele, tive a Jéssica, que ele negou enquanto pôde. Dizia que era casado e não largaria a esposa por minha causa. Fui à justiça, pedi exame de DNA, provei que ela era sua filha e ele teve que assumir. Há 12 anos estou com o Mauri, com quem tive os dois menores. Nos damos muito bem, mas ele saiu de casa e está morando num "cafofo" que fica no mesmo terreno que minha casa.

Por que ele foi morar lá?
Porque um de meus filhos, está passando por uma situação difícil com drogas. Ele era usuário de maconha e cocaína, e passa por isso há 2 anos. Começou quando ele tinha uns 15 anos e andava com uns amigos estranhos. Ele não trabalha, não estuda e chega de madrugada. O Mauri falou que, mesmo gostando dele, ia morar em outra casa. Falou para eu escolher um dos dois. Fiquei com meu filho, que está precisando de mim agora.

Você sabe onde ele passa as noites quando está fora?
Ele não fala. A gente não dá dinheiro porque acha que ele vai usar com drogas. Sei que ele está metido em coisa errada, mas penso: "Não, meu filho não está mais fazendo isso". A desculpa que ele dá é que estava na casa de uma "mina". Estou lutando para o meu filho não influenciar os irmãos.

Como descobriu que ele estava envolvido com drogas?
Quem descobriu foi a avó paterna, quando também começaram a sumir coisas dentro de casa.

Ele já cometeu algum crime?
Ano passado, tentou roubar um carro e deu azar porque quem estava dentro era um policial à paisana. Levou um tiro no braço direito e foi operado. Quando cheguei ao hospital e o vi naquela situação, perdi o chão. Existe ex-marido, ex-sogra, mas não existe ex-filho. O Mauri conseguiu que ele ficasse em liberdade assistida pela Febem. Ele cumpre pena fazendo curso de panificação e confeitaria de segunda a sexta.

Ele continua envolvido com as drogas?
Quando pergunto ele fala: "Tô de boa".

Quando criança, você tinha algum sonho?
Queria ser advogada, mas tive que parar de estudar na 5ª série para trabalhar. Um outro sonho que não realizei é o de toda mulher: casar na igreja, no cartório, ter uma casa linda e uma família formada.

E hoje, qual é seu sonho?
Salvar meu filho desta vida que ele leva.

Hebe Camargo com os filhos e o marido em foto tirada em março de 2000

NO SOFÁ DA HEBE

FAMA NÃO É COM ELA. POR SINAL, O QUE ESSA PAULISTA MAIS PREZA NA VIDA É O ILUSTRE ANONIMATO. CONHEÇA HEBE CAMARGO *por Bruno Torturra Nogueira*

O sofá de Hebe Camargo é famoso por receber muitas visitas. Quase todo dia várias crianças sentam, pulam e derrubam pipoca e bolinhos de chuva no estofamento florido, que em oito anos nunca precisou de reforma. Hebe fica perto, olhando, achando bonita aquela farra de suas duas filhas com amiguinhos. Ela mora com o marido, Kiko, há seis anos em uma casa recém-quitada, três quartos inacabados, em um recanto de horizonte largo em Bragança Paulista. Confortável, arrumadinha, mas nada luxuosa. Para Hebe é um grande avanço. A infância foi muito humilde. Era o salário mínimo de Carmo Camargo, seu pai, para sustentar a família de mulher e seis filhos, espremidos na pequena casa de dois cômodos. Mas nossa Hebe não lamenta, tem orgulho, pois aprendeu a manter humilde seu espírito. Hebe de Camargo Rosa nasceu em 1971, quando a Hebe famosa se divorciava do primeiro marido e dava uma pausa na carreira televisiva pelos próximos dez anos. O nome célebre foi a segunda tentativa do velho Camargo de criar uma descendente com o mesmo nome de sua apresentadora favorita. Em 1967, uma das filhas de seu Carmo e dona Teresinha, a primeira Hebe, morreu de pneumonia. Tinha 2 anos.

Em comum com a homônima famosa e milionária, Hebe só tem a devoção a Nossa Senhora e o sofá repleto de convidados. Porque no resto, elas não têm nada a ver. Na garagem da estrela há um Mercedes-Benz C 320 de R$ 240 mil. Na de nossa entrevistada, um Chevette 1979, herança do sogro, que pode ser trocado, com sorte, por R$ 2 000. A Hebe de Bragança Paulista nunca apareceu na TV e nunca quis ser famosa. A Hebe que fala ao vivo ao Brasil toda segunda-feira lutou desde a infância para ver seu nome conhecido. Enquanto a famosa retomava sua carreira de cantora em 1999, a discreta Hebe freava a vida para se tratar de uma misteriosa e muito dolorida fratura na base da espinha. E se a Hebe celebridade tem notória simpatia por Paulo Maluf, a outra acha que quem vota nele não pode ser boa pessoa.

A seguir a entrevista que a tímida Hebe concedeu à **Tpm** em seu sofá.

A esq: em foto tirada recentemente e com a família, em 2000, na festa de batizado da filha caçula

Tpm. Já teve vontade de sair de Bragança?
Hebe Camargo. Não. São Paulo nem pensar. Aqui a gente dá uma qualidade de vida melhor para as minhas filhas. Tudo é muito próximo, tem um lago bonito, o clube é quase no quintal da minha casa, tem os avós. Sou muito ligada à família

Que problema de saúde foi esse que você comentou antes de eu ligar o gravador?
Foi uma fratura na coluna. Não sei como aconteceu, não teve causa. Doía muito, quando vi era uma fratura de 15 cm na base da coluna. As dores eram insuportáveis. Tomei todo tipo de remédio, até analgésico para pacientes de câncer. Foram dois anos assim. É uma fase que eu quero esquecer. Hoje tenho uma coleção de pinos na coluna. Por algum motivo tinha que acontecer assim.

Por quê?
Para me frear. Estava fazendo tudo muito depressa, sem prestar atenção no que realmente tem valor na vida. Hoje estou mais calma. Mais atenta às minhas filhas. Elas são tudo para mim.

Pretende ter mais filhos?
Não. Nem posso, por causa da coluna.

Como você conheceu o seu marido?
Na prefeitura. Em 1990, eu trabalhava lá como digitadora e ele era analista de sistemas. Mas a gente tinha horários diferentes. Eu entrava às 18h e saía à meia-noite e ele ia de manhã. Mas tinha churrascos, festinhas, e a gente foi se aproximando.

Como foi seu casamento?
Foi aqui em Bragança, numa cerimônia muito simples, dia 15 de maio de 92. Eu tinha 21 anos. Nós nos casamos na capelinha do lado, porque a igreja estava decorada para outro casamento.

Você é religiosa?
Não vou à missa todo domingo, mas sou muito devota a Nossa Senhora. Aliás, a outra Hebe Camargo também. Acho que o segredo de ser feliz é acreditar.

Acreditar em quê?
Em Deus e em Nossa Senhora.

Tem medo de ficar velha?
Gostei muito de todas as fases da vida. Acho que vai ser tranqüilo, vou ser mais madura.

Já foi muito atormentada por causa do nome?
Na infância não me importava, mas na adolescência ficou chato. Se pudesse escolher, esse nunca seria meu nome. As pessoas me ligam pedindo presentes, dentadura, casa própria. E não se conformam quando explico que não sou a famosa. Essas pessoas têm tanta esperança. Parece que estão falando com Deus.

E isso já te irritou?
Só uma vez que uma mulher ligou várias vezes porque não acreditava em mim. Achava que eu era uma secretária dando desculpa, que não queria deixar ela falar com a Hebe. Dizia que ia se ver com a produção do programa.

E é verdade que você conheceu o Sílvio Santos?
Quando eu tinha 16 anos comecei a trabalhar numa loja chamada Brasimac. Um dia, as pessoas estavam se apresentando e chegou um vendedor, que não me conhecia, e disse: "Prazer, Sílvio Santos". Respondi: "Muito prazer, Hebe Camargo". Todo mundo começou a rir, eu e ele achamos que era gozação.

Já teve vontade de ser famosa?
Nunca. Meus amigos sempre falam que eu deveria fazer uso do meu nome, me candidatar a vereadora. Mas não combina comigo. Nada que dê evidência.

Você acha que deve ser difícil ser famoso?
Com certeza. Não dá para ir ao shopping, passear. O Silvio Santos *[o famoso]* já falou em uma entrevista que ele precisa ir para os EUA se quiser caminhar na rua.

"As pessoas me ligam pedindo presentes, dentadura, casa própria. E não se conformam quando explico que não sou a Hebe"

Você preza a vida simples?
Gosto da individualidade, sou dona da minha vida. Ninguém está me vigiando. Acho que a outra Hebe gostaria de viver isso

Mas deve ser bom ter o dinheiro dela.
Dinheiro bom é o que paga suas contas. Que proporciona uma viagem de vez em quando, que reúne os amigos em volta de uma mesa. Mais do que isso é desnecessario. A Hebe com certeza precisa das jóias dela. Eu não tenho nenhuma jóia.

O que faria se tivesse o dinheiro que a Hebe tem?
Acho que o dinheiro muda as pessoas. Talvez de uma pessoa simples, tranqüila, eu passasse a ser uma chata.

Você tem algum sonho de consumo?
Reformar minha casa.

Você está feliz de estar em uma revista?
Achei que era trote quando me ligaram. Mas estou tranquila.

Mas agora com esta entrevista vai ficar famosa...
[Risos] Eu não tenho idéia do que vai acontecer. Até porque eu não lembro de ver essa revista na banca.

Billabong
billabonggirls.com

QUERO SER FAMOSA

Roupas de grife, beleza e amassos em galãs como Dado Dolabella são suficientes para transformar uma garota que nunca fez nada de relevante em celebridade. A prova disso é a baiana Fernanda Rolim

por Álvaro Leme e Nina Lemos

Ela não é cantora, atriz, escritora, atleta, modelo nem sequer apresentadora de TV. Mesmo assim, quando Fernanda Rolim dá as caras em um evento de São Paulo, os fotógrafos se apressam em registrar sua chegada. Em meio aos flashes, repórteres perguntam quem ela está namorando, como mantem a boa forma e que grife está usando. Aos 22 anos, Fernanda é representante de uma categoria em ascensão: as celebridades instantâneas, aquelas que conseguem um lugar no mundo dos famosos sem jamais ter feito nada digno de nota. Gente como Fernanda é resultado do que a psicanalista Maria Rita Kehl chama de "sociedade do espetáculo", aquela em que as pessoas se destacam não pelos seus ideais ou convicções, mas pela forma como se exibem "para o outro".

Para conseguir romper a barreira imaginaria (e cada vez mais tênue) que separa anônimos de famosos, Fernanda teve que "rasar". Primeiro, contratou um agente para guiar seus passos e ajudá-la a trilhar o caminho que leva às revistas de celebridade. Virou arroz-de-festa, marcando presença até em eventos aparentemente desinteressantes para uma menina de 22 anos como a "1ª Semana de Moda Infantil" do shopping Jardim Sul, em setembro passado. O esforço foi recompensado, e o nome de Fernanda apareceu em sites de fofoca ao lado de outras celebridades instantâneas como Suzana Werner e Virgínia Nowick. A baiana também deu festas de arromba. Seu aniversário, em abril, foi parar nos tais sites e rendeu até nota na respeitada coluna de Mônica Bergamo na *Folha de S.Paulo*. O motivo? Uma briga entre Dado Dolabella e Marcos Mion, ambos ex de Carolina Magalhães, também baiana e ex-dasluzete como Fernanda.

O fato de a moça não ter profissão definida deixa a imprensa confusa. Em agosto, a revista *Quem* publicou um perfil de quatro páginas com Fernanda. Lá estava escrito que ela havia largado a faculdade de administração de empresas para ser atriz. Mês passado, conseguiu um grande feito para uma aspirante à famosa e mostrou sua carinha num dos espaços mais nobres da imprensa brasileira: a capa da *Folha*. A reportagem era sobre clareamento de dentes. Mas que diferença faz? A foto dela estava lá. Só que a profissão era outra. Segundo o jornal paulista, Fernanda é estudante de rádio e TV.

Boné Von Dutch

Como uma estudante consegue receber toda semana dezenas de convites para os eventos mais badalados de São Paulo? E ainda ser rotulada de "famosa" por uma revista especializada justamente em famosos? Simples. Ela seguiu a receita que promoters e agentes de celebridade consideram certeira para quem quer virar celebridade. "Uma mulher bonita, que se veste bem, anda com as pessoas certas e faz chapinha no cabelo tem tudo para alcançar a fama instantânea", diz Cacá Ribeiro, um dos promoters mais importantes do Brasil.

Fernanda seguiu à risca esse mandamento de andar acompanhada de alguém "importante". Este ano, já foi clicada aos beijos com Dado Dolabella e Alexandre Slaviero (gala de *Malhação*). A baiana também é CDF no quesito roupas de grifes. Só usa peças de estilistas famosos. Em outubro, por exemplo, apareceu na *Quem* com um boné da marca americana Von Dutch. A peça, segundo a publicação, é o novo hype de celebridades como Madonna e Miss Elliot. E custa a bagatela de R$ 300. Não é tão caro assim para quem quer aparecer nas revistas, certo? Graças ao boné, Fernanda conseguiu mais uma foto publicada!

"A pessoa que não é muito famosa deve usar sempre roupas de grife, como Balenciaga e Prada, de preferência das novas coleções. Isso impressiona. Quem já é famoso pode relaxar e usar

Gilberto Marques Fotomedia

"Uma mulher bonita, que se veste bem e anda com as pessoas certas tem tudo para alcançar a **fama** instantânea"

"Ficar com alguém famoso ajuda muito quem quer virar celebridade. Ainda mais se a pessoa ficar em **público**"

o que quiser, porque é a personalidade dela que agrega valor à marca", ensina Marcelo Sebá, diretor de marketing da Diesel e *image maker*

Camarote com Dolabella

Fernanda é uma celebridade ainda em formação, tanto que pouca gente a conhece. Mas esse número era ainda menor antes do Carnaval deste ano, que marcou a virada na vida dessa aspirante à fama. Ela se tornou alvo dos flashes ao trocar beijos com Dado Dolabella em pleno camarote da Brahma, no Rio. "Foi ali que a Fernanda explodiu", exagera uma assessora artística que não se identificou, mas que diz ter sido consultada por Fernanda para cuidar da carreira da moça em São Paulo.

O flerte com Dado rendeu pontos à baiana, que mais uma vez seguiu rigorosamente os mandamentos da fama. "Ficar com alguém famoso ajuda muito quem quer virar celebridade. Ainda mais se a pessoa ficar em público", ressalta um irônico Cacá Ribeiro. E tem lugar mais público que o camarote da Brahma? Depois do sucesso no Carnaval, outra tacada de dar inveja a qualquer estrategista político: a tal festa de aniversário em seu apartamento paulistano na Vila Nova Conceição, bairro de classe média alta que entrou no mapa porque é lá que fica a Daslu. Os assessores de Fernanda convidaram pencas de famosos, convocaram fotógrafos e repórteres, e o resultado foi a cobertura em massa da briga de Dado e Mion.

Avião particular

Antes de despontar como ficante de Dado Dolabella, Fernanda trabalhava como vendedora na Daslu. Trabalhava por hobby. Nas horas vagas, organizava passeios inesquecíveis em seu avião particular. Sim, ela tem um. Fernanda, além de seguir os mandamentos da fama, nasceu com duas credenciais de peso para o caminho rumo aos holofotes: é bonita (e mantém a beleza malhando com personal trainer) e rica. Muito rica. Ela é filha do empresário Cesar Oliveira, dono da GDK Engenharia, uma das maiores empresas de engenharia civil do país. Para dar uma idéia do tamanho da coisa, basta dizer que é a empresa responsável pela construção de parte do gasoduto Brasil-Bolívia.

O dinheiro da família explica o guarda-roupa cheio de modelitos Prada, Dolce & Gabbana, Armani e sandálias Manolo Blahnik. O namorado também é de grife. André Skaf, empresário e, até a chegada dela, um dos solteiros mais cobiçados de São Paulo. André é filho de Paulo Skaf, o todo-poderoso presidente da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo). O namoro pode ter sido obra do cupido, mas também ajudou a assegurar mais flashes. O único obstáculo no caminho de Fernanda agora é a superexposição.

"De repente, ela estava em todos os eventos. Virou até referência. Quando alguém queria dizer que a festa estava fraca de celebridades, respondia que só tinha a Fernanda Rolim", diz um fotógrafo que trabalhou para o site *Glamurama*, de Joyce Pascowitch, e para a *Folha de S.Paulo*. Outro fator que pode atrapalhar o estrelato de Fernanda Rolim é, claro, a falta de uma carreira consolidada. "Não sei quem ela é. Só sei que eu ia aos lugares e me perguntavam se já tinha feito foto dela. Vi o sobrenome e pensei que pudesse ser sobrinha do Rolim da TAM", relata a fotógrafa Luciana Cavalcanti, da coluna de Mônica Bergamo, na *Folha de S.Paulo*.

"Hoje em dia se confunde demais a fama pela fama com a fama como resultado de um trabalho consolidado", diz Patrícia Casé, assessora de imprensa de gente como as cantoras Maria Rita e Adriana Calcanhoto. "Antigamente você reconhecia as pessoas pelos valores dela, tudo era mais claro. Mas mesmo hoje é preciso conteúdo para se sustentar." E conteúdo, a gente sabe, vai muito além de usar o boné da moda ou clarear os dentes.

TRIP Leia na *Trip* deste mês como conseguimos criar uma **celebridade**

Estamos todos sós

Por que **queremos – e precisamos – ser famosos**

*por Anna Veronica Mautner**

É uma angústia generalizada. Da adolescência à maturidade as pessoas são tomadas pela ânsia de se livrarem do anonimato. Enquanto anônimos, desejamos todos irromper, saltar fora em direção à fama. Todos temem ser marginalizados. Ninguém quer a pecha do fracasso, do ridículo, da impotência, da inabilidade. A única ruptura que o homem moderno aceita é a que leva à glória e à fama. Parece que estando fora da massa anônima, o indivíduo escapa da vala comum, da vida sem resposta, da fala que não é ouvida, do pedido que não é acatado.

As celebridades não esperam, não fazem fila, não precisam pedir duas vezes. **Um famoso tem preferência no hotel, no restaurante, no hospital. Uma celebridade pode escolher dentre tudo aquilo o que mais lhe apraz. Os outros, ora os outros!** Aqueles que conseguem chegar perto dos célebres estão sempre sequiosos para ajudar, para tornar a vida dos famosos, que já é boa, melhor ainda. Não há celebridade sem cordão de puxa-saco. As empregadas ficam nas casas deles, sentem-se honradas. Os cabeleireiros correm para atender. As costureiras e alfaiates não atrasam nas entregas. Mas não é por isso que todos almejam a celebridade. Todos esses privilégios contam, mas são efeitos secundários, muito desejáveis, sem dúvida.

Na verdade, o que todo mundo almeja é ser reconhecido, percebido – notado. O mundo contemporâneo, seguindo seu destino de ter tudo e todos massificados, coloca a todos nós em solitárias sempre sós. Sós no cinema, na condução, no futebol, no show, no avião, nas ruas e até em casa. Os famosos são vistos, são reconhecidos, trocam olhares, acenos. Raramente passam despercebidos. No meio da estranheza da multidão todos estão isolados, e é disso que queremos fugir. Nada é mais gratificante que entrarmos num lugar público e encontrarmos conhecidos que nos sorriem e acenam. O mundo está muito cheio de gente e, para sermos reconhecidos, precisamos nos destacar da massa anônima. Mas não queremos aí que apontem nossas falhas, nem fazemos questão de elogios permanentes. Basta para cada um de nós que seja aumentada a frequência com que somos vistos, com que nos percebem. Afinal, todo mundo sabe que é o olhar do pai que faz da filha uma mulher, assim como o apreço da mãe viriliza o filho. Mas só o pai e a mãe não nos bastam pela vida afora. A caça da glória e da fama é na verdade consequência da falta que esses olhares nos faz. Queremos todos glória e fama. O resto é resto.

(*) Anna Veronica Mautner, 63 anos, é psicanalista

QUEM É QUEM

Nem todas as celebridades são iguais aos olhos dos promoters das festas mais estreladas do país. Descubra aqui o que faz alguém ser **VIP** de verdade

por Nina Lemos

As estilistas Fernanda de Goeye e Paula Raia são very, very important people. Isso para colunistas sociais, promoters de festas e pessoas da moda. As duas criaram a grife paulistana Raia de Goeye, a preferida das camilinhas. Mas não é isso que faz com que Paula e Fernanda sejam consideradas ultra VIPs. Elas são ricas, jovens, bonitas. E têm aquilo que os promoters chamam de "star quality". Um conceito difícil de explicar, mas que, segundo Cacá Ribeiro – um dos promoters mais poderosos do país –, reúne na mesma pessoa "simpatia, elegância e animação". "As duas estão em alta", reforça Fernanda Barbosa, outra promoter bambambã do eixo Rio–São Paulo.

Apesar de não serem conhecidas do grande público, a Raia e a Goeye são categoria VIP "A". Ou seja: não só são convidadas para todas as festas que interessam como têm acesso aos espaços exclusivos, onde só entra a elite do mundo VIP, e convites para a primeira fila em shows e desfiles de moda. Já a atriz Deborah Secco faz sucesso nas novelas do horário nobre da Globo e sai em tudo quanto é revista de celebridade semana sim, semana não. Mas toda a fama da moça não faz dela queridinha dos produtores de festas. Entre Paula, Fernanda e Deborah, eles preferem as estilistas. Deborah é preterida porque "aparece demais". O guarda-roupa e a freqüência com que troca de namorados também fazem com que perca pontos no quesito "qualidade VIP". Resultado: cai para a categoria "B"

a turma que faz parte de malhação consegue no máximo ser vip "c"

Na fogueira das vaidades que determina quem vai ser convidado de honra, poucos conseguem sair sem queimadura. Quem se livra das labaredas vira unanimidade entre produtores e criadores de festas. É o caso de Fernanda Torres e do marido, o diretor Andrucha Waddington. Eles gostam de se divertir, são interessantes e bem-vindos seja onde for. "Essa turma é talentosa, tem história. A fama é conseqüência do que fazem", diz Marcelo Sebá, diretor de marketing da Diesel e agente de celebridades. Marisa Monte e Malu Mader também estão no topo da lista VIP de Sebá. Essas moças, segundo ele, "são as divas modernas". Elas têm star quality. São discretas e saem pouco. É assim mesmo: se você não for arroz-de-festa, será convidada para mais festas.

Claro que há exceções. Gente que não perde uma balada e, ainda assim, vai ser sempre VIP "A". Mas aí é preciso ter muito star quality pra compensar esse lado arroz-de-festa. Regina Casé, Caetano Veloso e Paula Lavigne se encaixam nessa categoria. Eles saem muito, mas se mantêm no topo do ranking de celebridades. "Caetano Veloso sempre será bem-vindo em uma festa", diz a assessora de imprensa Patrícia Casé, que não cita nomes, mas prefere deixar fora de sua lista "pessoas que gostam de brigar".

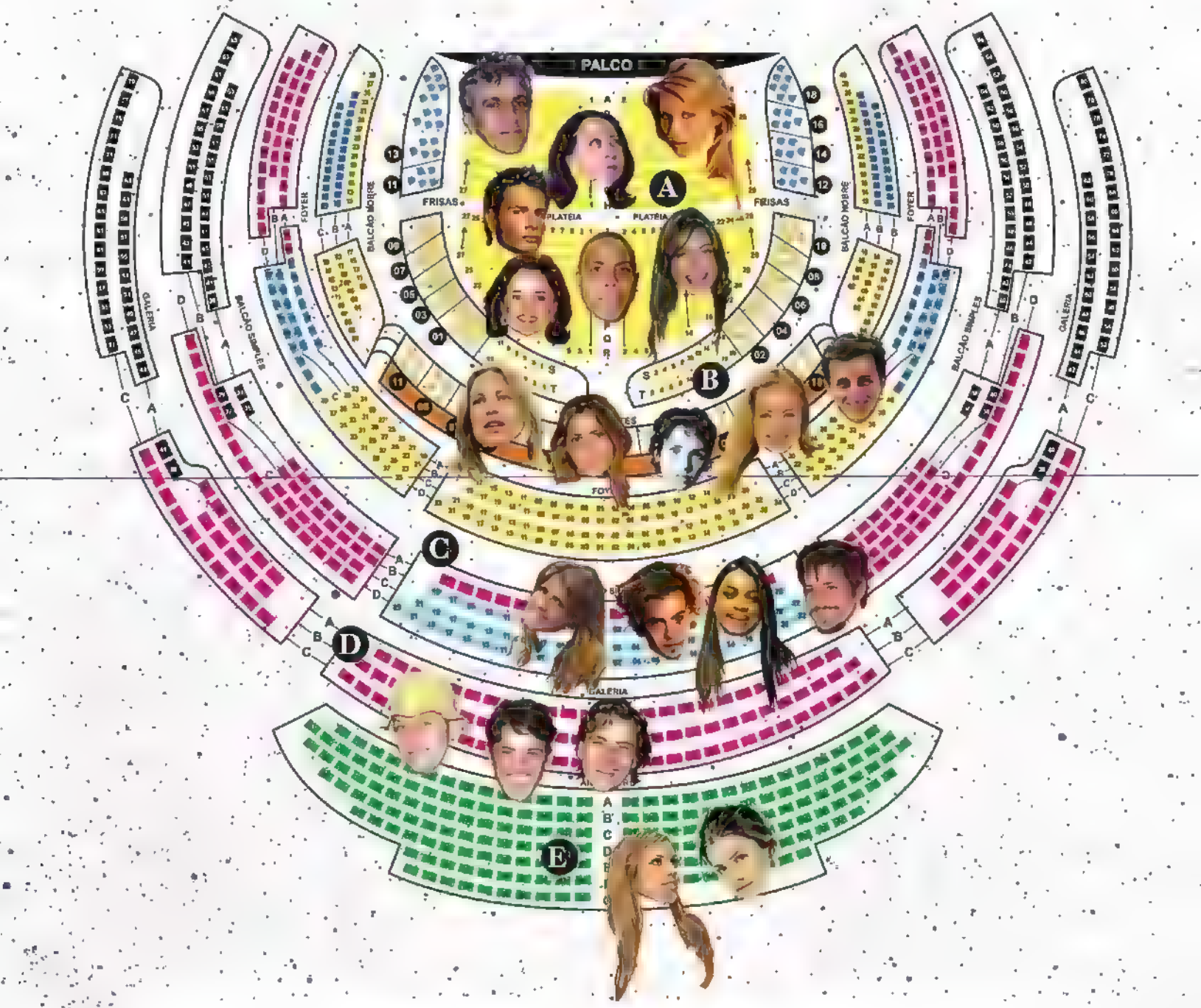
A turma que faz parte do casting da novelinha teen *Malhação* consegue no máximo ser VIP "C". Isso quando garantem papel em algum programa veiculado depois das 18h. Mas a maioria recebe mesmo um belo de um "D" e só ganha convite para aquelas festas enormes, que têm patrocinador e mais anônimo do que famoso.

Marisa Monte, Dado Dolabella e Rodrigo Santoro

A megafesta que a Diesel deu para inaugurar sua loja no Rio de Janeiro em setembro passado mostrou direitinho como nem todos os VIPs são iguais. A cantora Marisa Monte, uma "A" com honra, chegou ao Hotel Glória (onde rolou a balada) escoltada por Sebá, que mandou um motorista buscá-la em casa. Marisa furou a fila para entrar e foi direto para a área VIP, sem nem precisar colocar pulseirinha. Já Rodrigo Hilbert, um VIP "C", só conseguiu a tal pulseira que dava acesso à área exclusiva porque a namorada, Fernanda Lima, uma VIP "B", descolou uma pra ele com a produção. Pior sorte teve Bruno de Luca, um ex-*Malhação*. Como VIP "D" que é, teve que ficar uma hora na fila para conseguir entrar, apesar dos pedidos que fazia aos organizadores da festa.

"Dado Dollabela e Paulinho Vilhena até são convidados, mas não faço questão", diz um produtor que prefere não se identificar. O mesmo não acontece com Du Moscovis e Marcos Palmeira (bem-vindos, sim, em qualquer festa). "Eles têm conteúdo", diz Sebá. O colega deles, Rodrigo Santoro, está num patamar ainda mais elevado. Ele é "A" na lista de tudo quanto é promoter.

Já a turma do fundão é formada por participantes de reality shows e aquelas pessoas que buscam a fama por cinco minutos, sem profissão certa. "Às vezes, basta ser bonito para ganhar o convite", diz Cacá Ribeiro. "Quem não tem carreira nem conteúdo não dura no mundo da fama", adverte Sebá. E, quando a fama for embora, os convites para festas vão rarear, claro.



Fila A

Gisele Bündchen, Rodrigo Santoro, Caetano Veloso, Paula Lavigne, Fernada Torres e Andrucha, Marieta Severo, Ronaldinho e Daniella Cicarelli, Regina Casé, Walter Salles, João Paulo Diniz, Marcos Palmeira, Du Moscovis, Paula Raia e Fernanda de Goeye

Fila B ★

Luana Piovani, Angélica e Luciano Huck, Camila Pitanga, Deborah Secco, Carolina Dieckman, Débora Falabella, Mariana Weickert, Didi Wagner e Pedro Paulo Diniz

Fila C ★

Marcos Mion, Rodrigo Hilbert, Dado Dolabela, Preta Gil, Paulinho Vilhena, Carolina Magalhaes, Bruno Gagliasso Giovana Antonelli, Murilo Benício e Juliana Paes

Fila D ★

Bruno de Lucca, Juliana Didone, Sérgio Marone, Fernanda Rodrigues, Samara Felippo e Sergio Hondjakoff

Fila E (Turma do fundão) ★

Cida, Serginho, Kleber Bambam e gente bonitinha, mas que nao faz nada da vida como Ana Lygia Vilela e Fernanda Rolim

JABALAND

No dicionário Aurélio, **jabaculê** significa gorjeta. Na vida dos **célebres** e famosos, jabá é uma moeda de troca que, apesar de não movimentar **dinheiro** em espécie, enche o guarda-roupa, forra o estômago e garante o bronzeado

por Hermés Galvão

O funcionamento é simples e lembra aquelas cadeias alimentares que a gente aprende nas aulas de ciências na escola. atrizes, cantores, modelos e célebres sem profissão definida aparecem em inaugurações de spas, lançamento de coleção de joias, exposições agropecuárias e desfiles de grifes infantis que você e eu só iríamos obrigados. Em geral, não recebem dinheiro para isso.

O pagamento vem em forma de roupa, passe livre para frequentar academias, jóias e até cavalos e bezerros. Para compensar o investimento, o dono da joalheria, ou da grife, ou do haras avisa aos paparazzi que o evento que está organizando vai contar com a presença do famoso. Às vezes, o próprio famoso se encarrega de avisar aos fotógrafos. Estes, por sua vez, vendem as fotos que fizeram nos tais eventos para revistas de celebridade, sites e colunas sociais. Aí você vai lá e compra a revista. E vê o famoso fazendo pose ao lado de araras cheias de roupinha de bebê ou tomando banho num ofurô coberto de pétalas de rosa no spa recém-inaugurado

Trem da alegria

O mundo do jabá – também chamado de apoio cultural ou permuta – rende, dá retorno e todas as partes saem ganhando. O prejuízo aparente de quem oferece cortesias se reverte em lucro imediato à medida que o anônimo, alertado pela imprensa, passa a frequentar o lugar atraído pela provável presença de um famoso: "Quando faço eventos, sugiro para o cliente convidar alguém que dê mídia. Tem gente que cobra muito, outros topam ir só para aparecer nas revistas. Os que estão em começo de carreira são os que mais aceitam jabá", diz Alex Lerner, um dos promoters de eventos mais procurados do Rio de Janeiro por conta de suas conexões com globais.

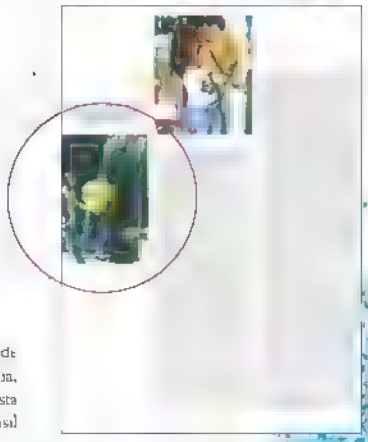
Alicinha Cavalcanti, outra promoter disputada no eixo Rio-São Paulo, explica que às vezes nem precisa dar "brindes" aos famosos para atraí-los aos eventos de seus clientes. "Quando organizo festas grandes, convido o famoso e ofereço sempre um tratamento VIP, com transporte, hotel e outras gracinhas", diz Alicinha

Nem sempre é tão fácil assim. Se você precisa divulgar um lugar pequeno, sem atrativo nenhum para quem vai, tem que chamar uma estrela e pagar caro por isso. "Essa verba está no orçamento da empresa. Gasta-se muito dinheiro, mas o lucro é enorme. O cliente sabe que pagar cachê para celebridade é mais barato do que pagar por um anúncio em revista, isso sem falar na repercussão, que é bem maior. O investimento gasto para convidar o famoso é recompensado

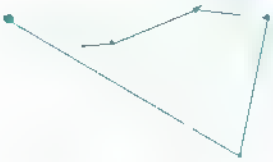
"Faço desfiles e recebo o pagamento em roupas e bijuterias. Tudo é uma troca"

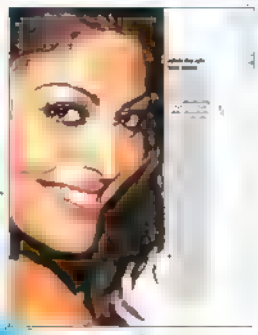
quando o anônimo se sente atraído pelo lugar", explica Alicinha

A atriz e ex-modelo Elaine Mickelly vive dando as caras em eventos no interior do país, onde a figura de uma celebridade, mesmo de brilho menor, sempre faz a diferença. "Geralmente, faço desfiles e recebo o pagamento em roupas e bijuterias. Tudo é uma troca. Se for um bom negócio, eu aceito, sem preconceito. Só não topo fazer presença em festas pesadas ou em desfile de lingerie e biquíni", afirma a atriz, fora do ar há oito meses (seu último trabalho foi em *Zorra Total*, no papel da extrovertida dona Teresuda). Além do guarda-roupa atualizado a cada trabalho, Elaine faz a manutenção do shape "for free" em salões de cabeleireiro de São Paulo. "Já freqüentava o L'Equipe *[nos Jardins]* antes mesmo de ficar famosa. Hoje, quando vou lá, chamo a imprensa. Dá para divulgar o salão, fazer os cabeleireiros aparecerem mais e mostrar aos meus fãs meu novo visual", explica

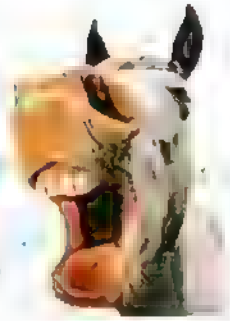


A Bodytech deixa Giancarlo malhar de graça. Fotografado na porta da academia, sua imagem termina publicada na revista *Domingo* do Jornal do Brasil





Anne Moraes e Juliana Paes cortam o cabelo e cuidam das madeixas sem gastar um tostão no Fashion Clinic. O dono do salão avisa aos paparazzi, e o estilo de Juliana acaba tendendo [illegible] *boa forma*



Beleza free

Ticiane Pinheiro, modelo e agora atriz (faz participações especiais em *Zorra Total* e na *Turma do Didi*), filha de Helô "Garota de Ipanema" Pinheiro, é outra que não precisa coçar o bolso quando o assunto é roupa e beleza. "Ganho muita roupa, mas as pessoas não me dão como pagamento. Dão porque sabem que sou uma vitrine. A pessoa me vê na rua e pergunta de onde é aquele look. Isso dá retorno para o lojista", explica. Ticiane freqüenta o salão MG Hair, em São Paulo, e a academia Estação do Corpo, no Rio. Tudo grátis, como apoio cultural. "Só não aceito mais coisas que me oferecem porque não dá tempo de ir a tudo. E acho que a gente vai ficando mais seletiva com a idade", avalia a modelo de 26 anos, que ao falar com a **Tpm** estava embarcando para Rondônia, onde participaria de um desfile para grifes locais. Não se sabe se o pagamento seria em cachê ou em apoio cultural.

Na Velox, global ganha desconto de 100%. Basta mostrar o crachá

Atrizes e modelos sempre ganham tratamento de beleza sem precisar abrir a carteira. No salão Fashion Clinic, no Rio, Alinne Moraes, Juliana Paes e Carol Castro vão regularmente rodar a escova, renovar a chapinha e trocar a cor do esmalte. Tudo na faixa. "Para mim, é vantagem. Volta e meia aparece alguma nova cliente pedindo o mesmo corte de cabelo ou a mesma tonalidade da mecha que elas mostram na TV", diz o dono do salão, Tiago Parente, que regularmente convoca a imprensa para ir até lá fazer o chamado "flagra armado".

A Vip Clinique, na Gávea, oferece tanto jabá que só abre para a clientela comum depois do meio-dia. Antes disso, só entra o pessoal da permuta. Danielle Winits é habituée. Assim como Solange Couto, Adriana Garabone e Maria Maya. Com menos intensidade, mas com a mesma intenção, homens famosos também ganham cortesias para cuidar do corpo. Na academia carioca Body Tech, que tem Rodrigo Santoro como um dos sócios, ganham mensalidade grátis Reynaldo Gianecchini e Vladimir Brichta. Na Estação do Corpo, além de Ticiane, suam a camisa Sérgio Marone e Luciano Huck. Na Velox, global ganha bolsa de 100%. Basta apresentar o crachá.

Churrasco na faixa

Além de academias e salões de cabeleireiro, os restaurantes também lucram oferecendo jabá. No Rio, a churrascaria Porcão é a campeã da permuta e oferece rodízio gratuito ou com desconto a globais e jogadores de futebol. Carolina Dieckmann, Deborah Secco, Murilo Benício e Giovanna Antonelli chegam a jantar lá três vezes por semana. Ronaldinho e sua família numerosa também são assíduos das carnes da Porcão. "Nem sempre eles comem de graça, mas sempre ganham algum desconto", explica o promoter da casa, David Brazil, famoso no Rio por brincar com a própria condição de gago. David trabalha na Porcão há dez anos e garante que a política do jabá dá muito retorno aos proprietários. "A presença de celebridades ajuda a manter a casa na mídia e isso faz com que cada vez mais gente frequente."

O próprio David fotografa as garfadas das estrelas e se encarrega de enviar o material de divulgação para as revistas. Não cobra nada, só exige que o nome Porcão apareça na nota. Mas não é qualquer famoso que entra na lista de David: "As pessoas que dão retorno na imprensa são bem-vindas sempre, mas tem gente que não tem apelo nenhum. Às vezes, recebo seis ligações por dia de assessores pedindo desconto para seus clientes, geralmente o pessoal do *BBB*".

Outra churrascaria carioca, a Pampa Grill, na Barra da Tijuca, adotou a mesma fórmula da Porcão. Mas ainda não consegue atrair VIPs tão estrelados e, em vez de Ronaldinho e Carolina Dieckmann, dá comida de graça para Bruno de Lucca, Gisele Policarpo, Taís Fersoza e vários outros talentos de *Malhação*. O pessoal do Pampa Grill é muito generoso e libera até bebida. O divulgador da casa, Glaycon Muniz, também é assessor de imprensa da escola de samba Salgueiro. A turma que frequenta a Pampa Grill também termina ganhando fantasia de graça no Carnaval. No fim das contas, celebridades acabam economizando em tudo: se divertem de graça e mantêm a beleza sem alterar o saldo bancário. Se o sucesso tem um preço, não são eles que pagam a conta.

Você sabia que Bob Esponja é gay?

O Brasil tem fascínio pela vida privada de gente célebre desde os tempos do Império. **O desafio agora é fazer entretenimento com qualidade e de relevância**

*por Edson Rossi**

Sou palmeirense. Sou tão palmeirense que odeio o São Paulo, à frente do Corinthians. E, é claro, tenho a certeza de que nem Pelé vestiria aquela camisa 10 verde com o talento e a fineza de Ademir da Guia. É essa a primeira – e mais importante – dica para iniciar qualquer um no universo das celebridades: assim como no futebol, o que move as engrenagens é paixão, ídolos e grana. E olha que isso é isso bem antes de Ronaldo encontrar Cicarelli.

Dica 2. Não trate como celebridade quem não é celebridade. Você provavelmente já ouviu falar de Hermes e Renato. Mas sabe reconhecer na rua Hermes e Renato? Sabe quantos são? E os Cassetas? Os reconheceria? É isso. Até dá para ter idolatrado Stray Cats, ter sido o primeiro a falar em The Brian Setzer Orchestra, mas o que vale é ter batido os pezinhos nos acordes iniciais de "Twist and Shout" com os Beatles.

Por ser tão pop, todo mundo dá pitaco, tem o que dizer. Não há semana em que não veja algum tratado sobre as celebridades e análises sobre o espaço destinado a elas. A ciranda é a mesma de sempre: os intelectuais intelectualizam; os colunocríticos colunocriticam, mas os leitores lêem. E desde sempre. Em *O Globo* de 21 de setembro, Letícia Helena escreve que o primeiro jornal impresso no Brasil, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 1808, publicava dois tipos de notícias: a vida administrativa e a vida social da corte.

Campeãs de leitura

Ok, a *Gazeta* era oficialesca e previamente censurada, mas não devia existir elenco maior de celebridades naquele Brasil do que a trupe de Dom João. O "quem-ficou-com-quem" da corte rolava em linguagem cifrada. Lamentavelmente, sem imagens. Uma pena para as duquesas, pois boas histórias envolvendo uma trinca Wanessa-Sandy-Adriane daqueles idos seria capa com certeza. Nesses 196 anos, desde os pioneiros jornais brazucas, o recall continua altíssimo. Na pesquisa de "Top of Mind" deste ano, com mulheres de classes A/B, os veículos mais lembrados no item revista foram *Veja*, *Caras* e *Contigo!*. Três semanais, duas de celebridades. No segmento atuam cinco publicações. Juntas, ultrapassam os 600 mil exemplares circulados por semana e rateiam um bolo de verbas publicitárias que em 2004 deve beirar os R$ 350 milhões. É evidente que não se trata de um mercado para o time júnior da Associação Paz e Amor do Jardim Felicidade.

Jornalismo roots

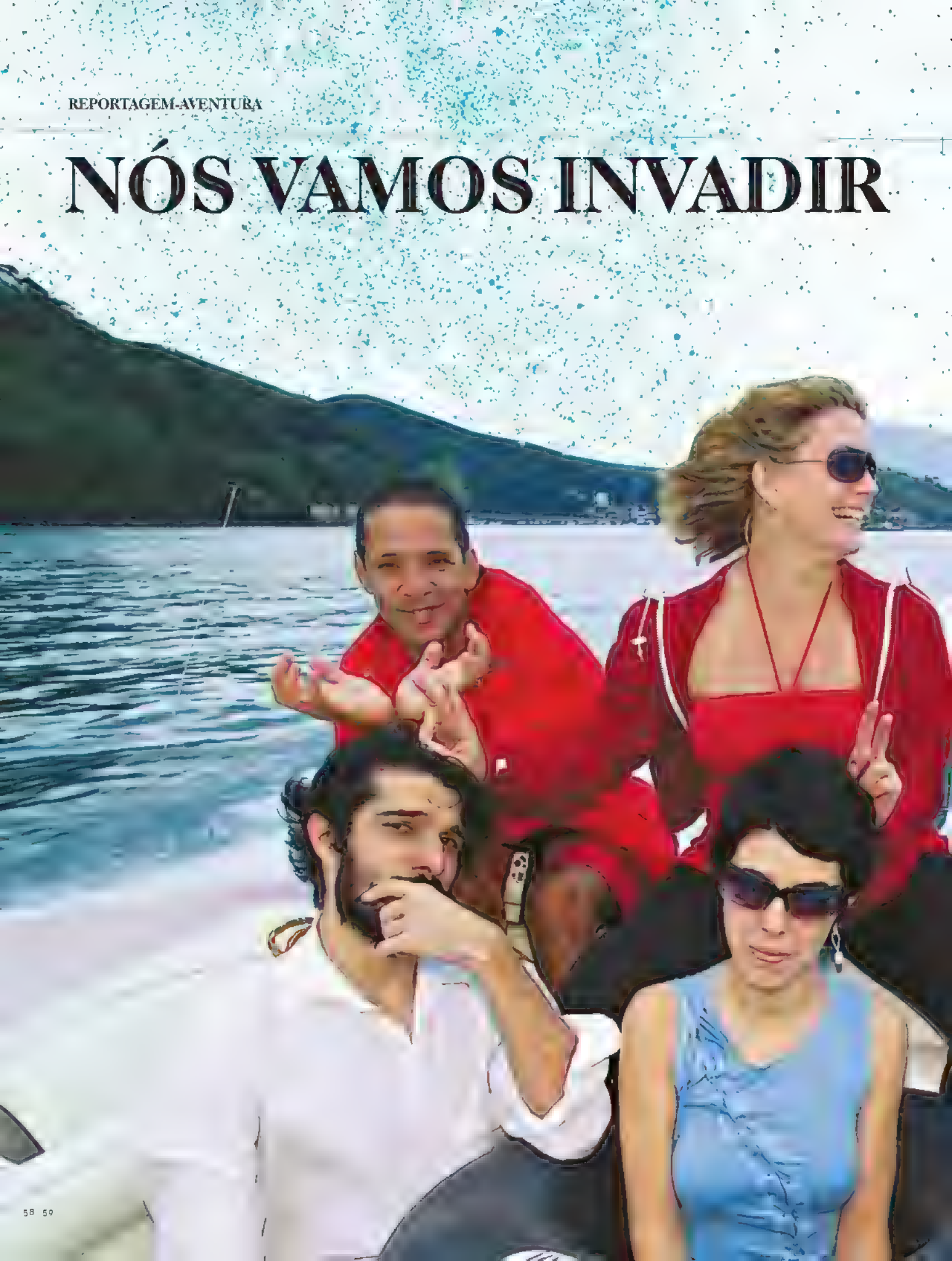
Isso explica por que *Contigo!* mudou. A tecla SAP: éramos populares, viramos pop. Assumidamente pop. Mas é claro que, como disse Gabriel García Marquez, "ética não é uma condição ocasional". Sem qualidade e princípios, você morre – ou só sobrevive. A gente acredita que leitor goste de ler, o que implica conteúdo informativo. E que revista tem de ser bonita – o que implica uma boa arte e bons fotógrafos. Gente como André Schiliró, Claudio Edinger, Daniel Kajmic, Jorge Bispo, J. R. Duran, Juan Esteves, Márcio Scavone, Pisco del Gaiso, Renata Xavier – e muitos outros nomes que injustamente não enumero – fotografam/fotografaram nesta nova fase da revista. A ordem é trabalhar com o manual de redação na mão. A fase é roots, "jornalismo de raiz". Eliminamos vícios do mundo das celebridades, como a sacana expressão "dizem que" e outros crimes. Informação em off tem de ser cruzada. Sim, é (e sempre foi) o entretenimento pelo entretenimento: mas, se feito com qualidade e seriedade, o que há de errado com isso?

Outra forma de respeito ao leitor é procurar cada vez mais retratar personagens que têm o que dizer. Em *Contigo!*, o corte é claro: aparece na revista quem produz, trabalha. Você até pode questionar o talento (ou falta) de algum entrevistado, só não verá na revista a sociaite. Nem a celebridade que não trabalha. Com isso, resgatamos um tipo de jornalismo que o Brasil gosta de esquecer. Por favor, não disse louvação. Falo de matérias como a reportagem de 10 páginas com Raul Cortez publicada na edição de 29 de julho, a melhor entrevista com ele em anos. Na mesma edição conseguimos nosso primeiro furo internacional. O roteirista Tim Hill afirmou que seu personagem Bob Esponja é gay. Ei, você sabe quem é Bob Esponja, não? E já seria capaz de reconhecer Hermes e Renato?

(*) Edson Rossi, 38 anos, é jornalista, diretor de redação de Contigo! *e professor universitário*

TRIP Leia na *Trip* deste mês artigo de **Carlos Nader** que contém um outro ponto de vista sobre esta mesma discussão

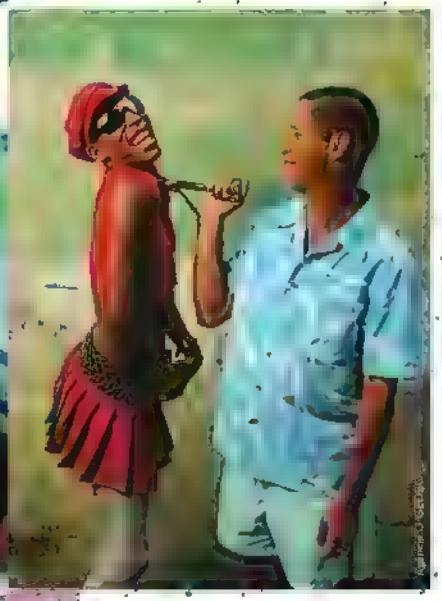
NÓS VAMOS INVADIR



SUA PRAIA!

Sim, passamos uma tarde na ilha de Caras com quatro artistas destituídos de pompa e de glamour: **Perla**, **Regininha Poltergeist**, **Lacraia** e **MC Serginho**. E descobrimos que a praia, quem diria, é pequenina

por Nina Lemos fotos Kiko Ferrite



Em sentido horário: Reginnha e Perla devoram um lanche do Bob's na van que levou os VIPs para Angra, a dupla MC Serginho e Lacraia num momento Eguinha Pocotó, a dupla no supermercado no pier. Reginnha na capa da Trip #31, em 93

A cantora paraguaia Perla (53) nunca foi convidada para visitar a Ilha de Caras. Os poderosos do funk Lacraia (28) e MC Serginho (idade não revelada) também não. Musa de Fausto Fawcett nos anos 90, Reginnha Poltergeist (33) aguarda o convite desde a primeira temporada da *Caras* na ilha do Café, há sete anos. Mas o carteiro nunca chega. Uma pena, já que os quatro sonhavam em conhecer o tão aclamado refúgio das celebridades. Perla gosta tanto da revista que tem o faqueiro completo de *Caras* em casa. Ela compra a publicação todo mês e colecionou cada pecinha. Lacraia, desde que começou a fazer sucesso requebrando, há quatro anos, sonha em fazer um show no gramado da ilha. Nunca a chamaram. Nem mesmo depois da popularidade de "Eguinha Pocotó". Por mais que ela rebole, nada de convite.

Mas a **Tpm** acha que todo mundo deve ter seu dia de rainha (ou de rei). Para universalizar o direito ao glamour da ilha das celebridades, mesmo sem convite, resolvemos levar esses proletários da fama para passar uma tarde em Angra dos Reis, desfrutando dos luxos da ilha, como a praia que mede exatamente 80 passos. Ou a piscina (dez passos de comprimento contados). A aventura foi planejada por meses a fio.

Queríamos que nossos convidados se sentissem prestigiados e mimados como os que aparecem sorridentes nas páginas da *Caras*. Além da cantora paraguaia, da musa do Méier e da dupla mais heterodoxa do funk, havíamos convidado o cantor Biafra porque estávamos com saudades daqueles versos surreais de "Sonho de Ícaro". Mas a neta dele nasceu na madrugada da terça histórica, e Biafra, claro, teve que pular fora.

Todos foram apanhados em casa. Além disso, cada convidado recebeu um saquinho com brindes como lixa de pé, xampu comprado em camelô, kit de maquiagem infantil, raquete de plástico e piranhas coloridas. "Adorei, vou levar para a minha filha, a Carol", disse Serginho, sem perceber que tinha repetido a frase que todo VIP que freqüenta a Ilha de Caras fala quando ganha um brinde.

Excursão de escola

A viagem foi animada desde que pusemos os pés na lancha. Mesmo com o tempo chuvoso, nossos convidados pareciam criança em dia de excursão da escola. **"Gente, eu sou chique, tô indo para a Ilha de Caras"**, gritava Lacraia de dentro do barco. Perla, de tanta emoção, se atirou na água de roupa e tudo assim que avistou a ilha. Passada a emoção histérica de ter pisado em solo de Caras, foi hora de explorar a ilha.

Perla, a mais empolgada, ignorou a cor suspeita da água da piscina, em desuso no inverno, e resolveu dar um mergulho. "Você,

Acima, Lacraia se descontrola com o guarda-solo no caminho que levou os famosos para a ilha

se jogou nessa piscina cheia de lodo, vai pegar uma virose", advertiu a dançarina do pocotó.

Começamos a distribuir os brindes aos convidados e notamos que os famosos bangalôs que hospedam famosos do quilate de Gisele Bündchen estavam trancados. O que não nos impediu de admirá-los por fora. **"Se eu ficasse uma semana hospedado aqui, ia compor vários funks"**, entusiasmou-se Serginho, criador de sucessos como "Eguinha Pocotó" e "Vai Serginho". Regininha, que hoje tenta a sorte cantando em uma banda, concordou. "Aqui é ótimo para criar."

Quem tem estrela, volta!

Como todos os VIPs que frequentam a ilha na alta temporada, nossos convidados falaram muito sobre carreira. Na praia, firmaram um trato. Serginho anunciou que vai compor um funk especialmente para Regininha, que acredita que seu sucesso pode voltar. "Se você tem uma estrela, as coisas voltam, pode até demorar, mas você volta." Todos os artistas convidados pela **Tpm** concordaram com ela. Eles também conversaram sobre estilo. Lacraia, a mais empolgada, disse que ama bolsas. "Tenho mais de mil. Adoro as Luis *[sic]* Vuitton. Mas só tenho uma carteira. **Gosto mesmo é de bolsa falsificada. Só faço compra em camelô e na feirinha de Itaipava** *[cidade na região serrana do Rio, perto de Petrópolis]*."

O clima de amizade foi contagiante. Até na hora em que fomos convidados a nos retirar da ilha. Um segurança apareceu e avisou educadamente que tínhamos de ir embora. Fomos salvos por Perla, que engatou uma conversa com o moço. E descobriu que ele era seu fã. A cantora tirou de uma de suas quatro malas (sim, ela levou quatro malas para um dia de viagem) um disco autografado para o moço. "Ele é meu fã, será que quer casar comigo?"

A simpatia de Perla fez com que todos pudessem sair calmamente da ilha. Quer dizer, se não tivesse caído uma tempestade que deixou todos os nossos VIPs encharcados, mas ainda assim felizes. "O caseiro era meu fã. A gente tem que ir aonde o povo está, temos de ser amigos de los seguranças, los cozinheiros", discursou a paraguaia, sob aplausos. Na lancha, debaixo da chuva, Perla improvisou um show. Cantou, aos berros e completamente molhada, seu sucesso "Fernando" (versão em portunhol da música de mesmo nome do Abba). E nós todos cantamos juntos. Ah, a versão **Tpm** da Ilha de Caras também teve momentos de luxo. Serginho e Lacraia fizeram uma massagem nos pés de Regininna no meio da chuva, na lancha que tremia enquanto Perla gritava. Uma tarde memorável, sem dúvida, para todos os VIPs que estiveram na ilha. E para nós, mortais jornalistas, também.

Ao lado, Perla no momento de emoção em que se jogou no mar de Caras; acima, na década de 70, no auge da fama, no programa de Silvio Santos

PERLA DECLARA AMOR POR ZECA CAMARGO NA ILHA

A cantora paraguaia Perla, que fez sucesso nos anos 70 com o hit "Fernando", continua na ativa, fazendo cerca de dois shows por semana, com cachê médio de R$ 3 000. Os shows acontecem em feiras agropecuárias, aniversários, festas de casamento. "Muitas vezes sabem que a pessoa é minha fã e contratam meu show como um presente surpresa", explica. Perla diz que o dinheiro que ganha como artista dá para viver. Ela mora com a mãe em uma casa própria na Granja Viana (bairro de classe média alta de São Paulo). Ela também tem um apartamento de veraneio em Santos. Além de pensar na carreira, está louca para se apaixonar. Já tem até um pretendente: o apresentador do *Fantástico* Zeca Camargo.

Tpm. Você ainda faz sucesso?

Perla. Recebo muitas cartas, tenho fã-clube. Eu tenho uma imagem muito marcada. Adoro ser famosa, porque isso é uma coisa que eu conquistei. Lutei muito para ter uma imagem de pessoa amiga das famílias.

Sente falta de estar nas revistas e na TV?

Ah, sinto. O Brasil é muito grande, e as revistas chegam a todo canto. Eu adorava sair na *Amiga*, na *Contigo!*, sinto muitas saudades daquela época. Vivia no programa do Chacrinha, mas morria de medo dele, que gostava de mexer muito com as mulheres.

Você está separada. Pensa em ter um novo namorado?

Claro. Estou esperando a minha cara-metade ainda. Sabe aquele menino, o Zeca Camargo? Queria me aproximar dele. Ele é lindo, parece paraguaio. E é meu fã.

Você tinha muita vontade de conhecer a Ilha de Caras?

Ah, sim. Eu sou fã da revista. Esse sempre foi meu sonho. Tenho toda a coleção de facas e garfos. Queria ir lá no verão e fazer aquela massagem, fazer um show típico paraguaio.

Leia mais sobre nosso **desembarque** na Ilha na *Trip* deste mês

www.staroupjeans.com.br
STAROUP
JEANS
SI Publicidade
Foto João Fucc

MODA — ISTO É QUENTE

ESTILO QUEM NÃO ACONTECE

(DAS MARCAS VILÃS BOAS ESTILO PARA GERIR)

LEVAMOS UM CAMINHÃO PARA AS RUAS DE SÃO PAULO, EM UMA TARDE COMUM, E FOTOGRAFAMOS GENTE DE VERDADE, AQUELAS QUE NÃO SAEM EM REVISTAS

JOÃO SIGNORINI, MAQUIADOR
cam seta **King**, R$ 62, cam sa **Ronaldo Fraga**: R$ 205, calça **João Pimenta**: R$ 180 e tênis **Reebok**: R$ 169,90

BIANCA SANT ANNA ESTUDANTE DE MEDICINA
[illegible] **Caio Gobbi**, R$ [illegible] ap[illegible] **Maria Garc a**, R$ [illegible] [illegible] **Lei Básica**, R$ [illegible] e [illegible] **Zapping**, R$ 6[illegible]

NICANOR JACINTO, ATOR E POETA
pólo **VR**: preço sob consul ta, bermuda acervo pessoa tênis **Bamba**: R$ 35 e boina **Aramis**: R$ 69

LILIANE AMARO, ESTUDANTE DE ECONOMIA
sa a **Maria Garcia**: R$ 218, blusa **Cori**: R$ 159 e sapato **Maria Garcia**: R$ 275

PUMA MILANESI, PUBLICITÁRIO
eans **Iódice**: R$ 267, cam sa **Replay**: R$ 395, tên s **Rainha** para **V.Rom**: R$ 190 e relógio **Magnum**: R$ 177,75

PAULA DIB, DESIGNER
calça Carmim: R$ 315, camisa Sommer: R$ 21, colete Colcci: R$ 85,15, sapato Polignamo: preço sob consulta e bolsa Opera Rock: R$ 125
TATIANA AZZI, ESTUDANTE DE MEDICINA
blusa Mobettah: R$ 109, top Colcci: R$ 62, calça Ellus: R$ 98, mochila Fuxique: R$ 135, sapato Jorge Alex: R$ 215 e colar Vide Bula: R$ 114
CAMILA LACZKO, DESIGNER DE INTERIORES
vestido Daniele Mabe: R$ 210, sapato Xica: preço sob consulta e bolsa Triton: R$ 159
JANAINA CARDOSO, ECONOMISTA
vest do Ronaldo Fraga: R$ 360, tênis Conga: R$ 25 e bolsa Hello Kitty para Supreme: R$ 35
CRISTIANE QUINTANO, PUBLICITÁRIA
Zoomp
Colcci
Vide Bula
Clube Chocolate
MARIANA TRAMA, BIÓLOGA
vest do Lei Básica: R$ 170 e sapato Xica: preço sob consulta

FERNANDA GALINDO
ESTUDANTE
[illegible] Parresh
[illegible] Carmim
[illegible] Dummont
[illegible] Carmim [illegible]

LUIS D'AMBRÓSIO
FOTÓGRAFO
bermuda **Levi's**: R$ 139
[illegible] am seta **Cavalera**: R$ 89
e tênis **Adidas**: R$ 179

MORGANA SAMPAIO, ECONOMISTA
bermuda **Viva Vida**: preço sob consulta, regata **TNG**: R$ 39,90, top **Sommer**: R$ 29, sapato **Cristofoli**: R$ 108, relógio **Dummont**: R$ 99 e cinto **Zion**: preço sob consulta

SUE SAMPER, ADMINISTRADORA
vestido **Iódice**: R$ 155, tênis **Conga**: R$ 25 e pulseiras **Carmim**: R$ 2[illegible] cada

ADRIANA BUONFIGLIO, PSICÓLOGA
jeans **Iódice**: R$ 267, regata **Tan Tan**: R$ 52, casaquinho **Cavalera**: R$ 74, tênis **Diadora**: R$ 150 e faixa listrada **Marcela Sant'anna**: R$ 30

MARCELO SOTERO, VENDEDOR
bermuda **Energie**: preço sob consulta, regata **Everlast**: R$ 115, óculos, tênis **Puma**: R$ 457, chapéu **Energie**: preço sob consulta e relógio **Adidas**: R$ 349

Veja na Trip deste mês outros ilustres anônimos na seção **ESTILO QUEM NÃO ACONTECE**

Onde: **Adidas**: (11) 3040 2925; **Aramis**: (11) 38[illegible]4 9587; **Bamba**: (11) 3167 7277; **Caio Gobbi**: (11) 3064 3371; **Carmim**: 3088 0559; **Cavalera**: (11) 3083 5187; **Christofoli**: (11) 3064 3208; **Colcci**: (11) 3823 2808; **Conga**: (11) 3167 7277; **Clube Chocolate**: (11) 3088 6726; **Cori**: (11) 3088 0288; **Daniele Mabe**: (11) 3088 3007; **Diadora**: (51) 581 3334; **Dummont**: 0800 554898; **Ellus**: (11) 3032 9581; **Energie**: (11) 3061 0698; **Fuxique**: (11) 3897 8136; **Iódice**: (11) 3813 2622; **João Pimenta**: (11) 3034 2415; **Jorge Alex**: (11) 6977 6837; **King**: (11) 3045 2654; **Lei Básica**: (27) 3200 7440; **Levi's**: 0800 55 1501; **Maria Garcia**: (11) 3062 0140; **Marcella Sant'anna**: (11) 3088 8469; **Mabettah**: (11) 3045 0534; **Opera Rock**: (11) 5189 4700; **Parresh**: (11) 308[illegible] 9701; **Pé de Ferro**: (16) 37[illegible]2 3800; **Pollignanno**: (11) 3771 4592; **Puma**: (11) 5189 4792; **Reebok**: 0800 704 4167; **Replay**: (11) 3089 4600; **Ronaldo Fraga**: (11) 3088 8050; **Sommer**: 3061 01[illegible]; **Supreme**: 0800 7737633; **Tan Tan**: (11) 274 6322; **TNG**: (11) 4689 93[illegible]3; **Triton**: (11) 3085 9089; **Vide Bula**: (11) 3167 7787; **Viva Vida**: (11) 3816 6054; **VR Menswear**: (11) 3081 2919; **V.Room**: (11) 3083 5187; **Zapping**: (11) 3663 2614; **Zion**: (11) 3032 0105; **Zoomp**: (11) 3064 [illegible]556

Assistente de produção **Maira Goldschmidt** Assistente de fotografia **Luis D'Ambrósio** Beleza **Chris Bastos** e **João Signorini** Camareira **Cida Sousa**

Rio de Janeiro Rio Sul: 4º piso (abertura prevista para início de dezembro)
Leblon: Rio Design Leblon 1º piso, tel. (21) 3206-9100 • Barra shopping: 2º piso (Nível America), tel. (21) 3089-1383
Ipanema 2000: sobreloja, tel. (21) 2294-9583 • Shopping da Gávea: 1º piso, tel. (21) 3874-3259
Búzios Tenda: Orla Bardot nº 534, tel. (22) 2623-7062
São Paulo Shopping Iguatemi: piso 1, tel. (11) 3814-7510

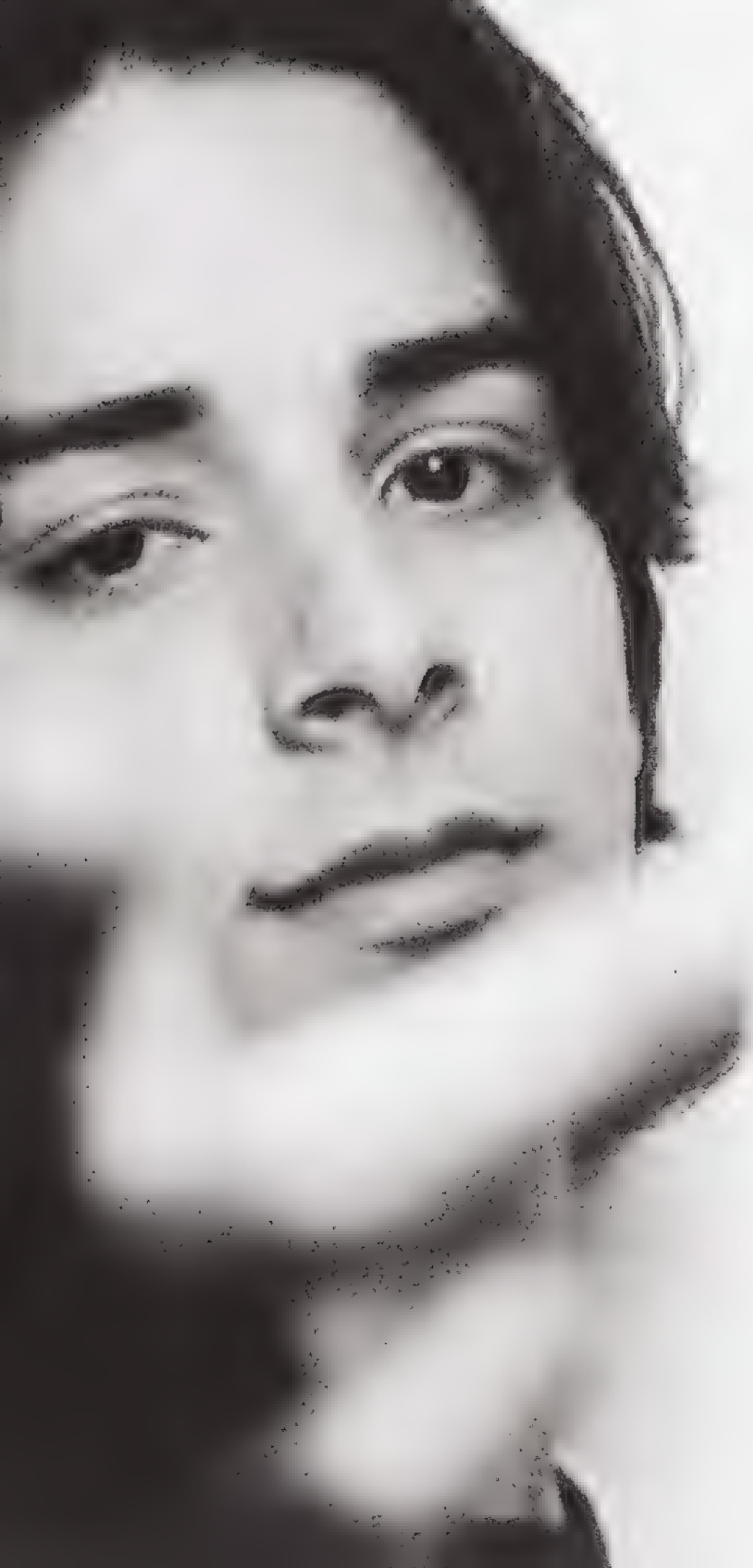
new order
accessories

www.neworder.com.br

Na pele de Junior

Sandy e Junior são o exemplo perfeito e acabado do que é ser famoso. O nome dos irmãos virou marca, eles andam rodeados de seguranças e nos últimos sete anos foram capa de 200 revistas **Nas próximas páginas você vai descobrir como é a vida de um homem de 20 anos cercado de holofotes desde os 5**

fotos Daniel Klajmick por Milly Lacombe



Suponha, enquanto lê esta reportagem, que você é o Junior, irmão da Sandy. Para que esta temporária apropriação funcione, você precisa acreditar que nasceu em uma abastada família de Campinas, cidade do interior de São Paulo, em 1984 e, quando ganhou consciência, aprendeu que seu pai era o mais popular cantor sertanejo do Brasil. Você também soube, porque a história corria na família, que, antes mesmo de falar, andava pela casa de fraldas, com um violãozinho na mão, balbuciando "lálálálálá". Aí, com 4 anos, você e sua irmã mais velha começam a pedir a seus pais para aparecer na TV. "Se você vai, a gente também quer ir", argumentam. Um ano depois, eles cedem e levam vocês ao programa global *Som Brasil*, apresentado por Lima Duarte. Vocês interpretam "Maria Chiquinha", clássico sertanejo que sua avó costumava cantar, e saem do palco aplaudidos, como quaisquer outras duas crianças teriam sido nessas circunstâncias. Semanas depois, a música está nas rádios, e vocês são convidados a gravar um disco. Em um ano, estão num estádio de futebol do Nordeste cantando para 25 mil pessoas. E você ainda faz xixi na cama.

Autógrafo, recreio e balé

Aos 7 anos, no recreio do mais tradicional colégio de Campinas, o Notre Dame, você não consegue nem abrir a lancheira porque tem que dar autógrafos. Você não se lembra de como era a vida sem esse assédio. Sua realidade é ser observado, é chamar a atenção sem fazer nada, é assinar seu nome num papel para estranhos na rua. Cenas tão comuns quanto fazer a lição de casa, jogar bola ou assistir ao desenho animado sábado de manhã.

Você é matriculado em aulas de balé. A professora diz a seus pais que você é duro, meio sem jeito, que vai dar trabalho. Ao contrário de sua irmã, que é uma bailarina nata. Mais do que cantar e dançar você curte mesmo é fazer o som sair de algum instrumento. Em casa, começa a brincar com o violão de seu pai e vai tirando uns acordes. Em pouco tempo, começa a tocar enquanto sua irmã canta.

Cinema pelos fundos

Sua vida particular e pública se misturam, e nem você sabe onde começa uma e acaba a outra. Desde os 6 anos, anda cercado de seguranças. Eles te deixam na escola e esperam você sair, embora alguns de seus colegas jurem que havia uns à paisana pela escola. Eles não te incomodam, você é boa chapa e se dá bem com todos, mas impõe limites. Ao cinema, por exemplo, eles não vão. Deixam você na porta dos fundos do shopping, que dá acesso direto às salas. É que, se entrar pela via normal, você não chegará a tempo. Essa logística não te perturba pelo simples motivo de que sempre foi assim. Mesmo com todo o esquema, às vezes no meio do filme alguém vem pedir um autógrafo. Você não nega. Aliás, você nunca negou um autógrafo. Você adora

Lê no jornal a manchete: "Junior é virgem". Você ri: há muito já não era

quem te adora. Quer saber quem são essas pessoas, entender por que gostam de você.

O que te incomoda é ficar sabendo que alguns colegas te acham metido porque você volta das férias falando do apartamento de Miami ou do barco novo. O que eles não entendem é que esse é seu mundo. Se não falar disso, você não tem do que falar. A sorte é que você é um caipira – e sua simplicidade e bom humor acabam conquistando a todos. Você é engraçado, gosta de fazer piadas, de encher os outros. A orientadora Ana Lucia diz isso nas reuniões de pais. Diz também que estudar não é muito a sua e que você faz o necessário para conseguir a média. É verdade. Porque assim sobra mais tempo para tocar bateria, sua nova paixão. No 1º ano do ensino médio suas notas caem e seu pai avisa que, se não melhorarem, vai tirar a bateria de casa. Você fica desesperado porque só consegue pensar em tocar

TV Globo

Sua vida se complica quando você e sua irmã são convidados para fazer um programa na Globo, o *Sandy&Junior*. Você está no 2º ano do ensino médio, tem que fazer tour pelo Brasil e, agora, gravar para a TV. Começam as reuniões semanais com uma equipe de profissionais que decide seu destino e o de sua irmã. Vocês são, cada vez mais, um produto. Você não tem mais tempo para sair à noite, para jogar bola, para ser adolescente. E seus pais exigem que você, apesar do calendário, continue frequentando a escola – de uniforme. Por outro lado, já vendeu 13 milhões de discos e, se quisesse, poderia se aposentar. De repente começa a sentir uma coisa estranha quando ouve alguém dizer coisas como "a marca Sandy&Junior". Tem vontade de gritar: "Não é marca Sandy e Junior. Junior sou eu, mano!".

Aí começam os boatos de que é veado. E você mesmo se surpreende quando não liga. Em matéria de preconceito, você não tem muitos (pagode, numa época, mas nem mais esse). Você coloca na cabeça que qualquer homem que cante e dance vai ser vítima de discriminação. E, acima de tudo, você sabe melhor do que ninguém que gosta mesmo é de mulher. E das maduras, mais sedutoras. Um repórter um dia pergunta se você anda com camisinha na carteira, você diz que não tem carteira. No dia seguinte lê no jornal a manchete: "Junior é virgem". Você ri: há muito já não era.

Você sabe que é duro te tirarem do sério. Quem diz isso é Dag, a mineira que cozinha pra você. Dag vive repetindo que nunca te viu de mau humor, que você é o filho ideal, carinhoso e educado. Só acha que você tem comido demais, principalmente torta de limão. Mas você é adolescente, e esses descontroles são perdoados

Crise de choro

Você e sua irmã são convidados para tocar no Rock'n'Rio 3, 250 mil pessoas. O show de vocês será antes do de Britney Spears e do NSYNC. Você gela. E se forem vaiados? Aquela gente não está lá para ver vocês: é o público de Britney e dos garotos americanos. Você entra e se dá conta de que tem 250 mil pessoas cantando uma de suas músicas. Quer chorar, mas tem que continuar tocando. O show acaba, você tem uma crise de choro. Não consegue parar. O episódio te dá segurança. Seu destino é mesmo tocar.

Na volta para Campinas, pensa em começar uma carreira solo, uma coisa paralela ao trabalho com sua irmã. Se matricula numa academia de música em Sao Paulo. Uma vez por semana tem aula de bateria, guitarra e canto. Enquanto isso, viaja o mundo com Sandy, fazendo shows. No meio do caminho, fazem um filme, *Arquaria*. A crítica, que vem pegando pesado com vocês desde que a blindagem da infância acabou, surpreendentemente, elogia. Apesar dos comentários favoráveis nos dois principais jornais paulistas, os fãs não comparecem, e o filme flopa.

Você acha que é hora de mudar. Quer ser mais underground, menos pop. Conversa com Andreas Kisser, do Sepultura, e ele te convida para tocar num bar pequeno em Sao Paulo. Você aceita porque sabe que só assim vai conseguir mudar a percepção das pessoas. No dia da apresentação, está nervoso. Olha seu novo público e, no lugar de meninas histéricas, vê uma centena de metaleiros carrancudos. Suas pernas tremem. Você vai para o camarim e coloca uma tiara. Alguém te diz que você está doido, que os metaleiros vao te chamar de veado, te massacrar. Você resolve ir daquele jeito mesmo. Entra com Andreas e ouve vaias. Tenta não dar bola. Destrói a bateria e sai aplaudido — e de tiara.

Você toma gosto pela coisa, decide montar uma banda de black music e da a ela o nome de SoulFunk. Começa a tocar em bares pequenos de São Paulo, nada que lembre os megashows que faz com sua irmã: dessa vez é tudo muito simples, no improviso. No dia 13 de outubro você se apresenta com a SoulFunk pela primeira vez. Está suando. Mas quando senta na bateria tudo fica ok. Você nunca se sentia tao feliz. O show acaba depois das 3h. Você entra no carro, os seguranças entram no deles, e seguem para Campinas. No dia seguinte você tem que gravar um clipe com sua irmã. Essa é sua vida.

Em sentido horário: Junior relaxa antes do show no Projac; em São Paulo, na aula de bateria; com sua banda, em Teresina, antes de entrar no palco; deitado de seu pé, pilotando a bater a no Na Mata Café; e no jato, indo para o show no Rio

Canis Major.

DIÁRIO

Uma semana com Junior

De 14 a 20 de outubro colocamos na mão de Junior um aparelho de celular **que só a redação da Tpm tinha o número.** A proposta era ligar para ele, durante sete dias, nos horários mais variados, muitas vezes ao dia. E ele tinha que atender sempre. Tudo para dar às leitoras uma idéia do que é uma semana na vida do rapaz. Confira abaixo o resultado

14 DE OUTUBRO, QUINTA

17h10 Sao Paulo, camarim do Altas Horas. *Em nossa primeira investida, o celular estava desligado. Minutos depois, Sandy, cujo telefone estava ligado e funcionando, explicou que o telefone do irmao estava sem sinal no camarim. Na hora em que liguei Junior estava sendo maquiado.*

21h16 Nao atendeu. No dia seguinte descobri que ele estava na rodovia Bandeirantes [estrada que liga São Paulo a Campinas] *com o motorista e Sandy, voltando para casa depois de gravar o* Altas Horas. *Acabou pegando no sono e não ouviu o telefone tocar. "Tô cansado: esta semana eu fiz um show com minha banda no Na Mata e fui dormir muito tarde, estragou todos os meus horários"*

15 DE OUTUBRO, SEXTA

11h10 A rouquidão entregou no ato: acordei o moço! "Você estava dormindo?". "Tava", respondeu rindo. Depois contou que raramente acorda tão tarde, até porque de manhã ele normalmente faz ginástica. "Agora vou descer e comer alguma coisa porque tô morrendo de fome."

16h07 Caixa postal. Soube depois que ele estava dentro do avião, a caminho de Teresina, Piauí, onde faria com Sandy um show à noite.

18h52 Teresina, Piauí. Junior atendeu já no quarto do hotel. Viajaram até lá em jatinho fretado pelo contratante, como fazem normalmente em vôos pelo Brasil. Ao chegar, foram cercados por fãs, que os seguiram pelas ruas da capital até o hotel. Desde que nos falamos pela última vez, ele só tinha tido tempo de tomar banho e comer uma feijoada de café-da-manhã. Pergunto se o hotel em Teresina é bacana, e ele diz que é simples, mas bom. Aí, conta que já ficou, ele não lembra em que cidade, num "hotel" que funcionava dentro de uma borracharia: "A luz do banheiro era daquelas penduradas com um fio, sabe?". Pergunto se Sandy mata barata. "Como assim?", ele estranha a pergunta, e eu explico que para mim o mundo se divide entre aqueles que matam barata e aqueles que berram. Ele morre de rir e repete a frase em voz alta: "Sandyyyyy, você mata barata?". "Mato, claro. Quando o papai não está em casa, sou eu que mato." Junior não sabia disso. Desligo — ele precisava comer alguma coisa antes do show: a feijoada era passado.

16 DE OUTUBRO, SÁBADO

12h40 Caixa postal. Soube depois que nessa hora Junior estava dormindo profundamente em um hotel no Rio. Depois do show em Teresina (estádio lotado, 25 mil pessoas, "galera totalmente pilhada!") eles decidiram seguir para o Rio no jatinho fretado. Chegaram às 4h da manhã.

14h47 Ele atendeu e disse que tinha acabado de acordar. Estava no quarto do Transamérica, na Barra, iria comer alguma coisa e se mandar para o Projac, onde, com Sandy, faria testes no som para os dois shows de domingo: um para funcionários da Globo e outro no Faustão

20h05 Atendeu, mas eu não conseguia ouvir nada, tamanho o barulho em volta. "Estou numa festa", berrou do outro lado da linha. "Que festa?", gritei eu. "Da Fernanda!", respondeu Junior. "Que Fernanda?", insisti. "A Fernanda Rodrigues [ex-atriz de *Malhação*]*", explicou com a maior paciência. "Ela é muito amiga nossa e a festa tá um barato!" Pergunto que som é aquele que escuto ao fundo, e ele responde que é da banda Seu Cuca.*

17 DE OUTUBRO, DOMINGO

15h04 Tocou, tocou e ele não atendeu.

15h20 Projac, Rio. Tinha acabado de fazer o show para os funcionários da Globo e estava correndo para o camarim do Faustão, *aonde iria tomar um banho e mudar de roupa para entrar em mais um palco.*

22h46 No carro, chegando em Campinas, com Sandy, motorista e segurança. Pergunto se ele viu a matéria elogiosa que saiu na semanal Época *a respeito de sua banda particular. "Não, cara, não tive tempo. Ah, olha ali uma banca!", avisa ao motorista. "Ah não, tá fechada." Aí ele diz que o show no* Faustão *foi legal, que encontrou Nando Reis no camarim. "Ele é muito bacana com a gente", explicou sobre o ex-Titã. "Ah, conheci hoje lá no camarim da Globo o Leonardo Brício", me informa. "Ele é superlegal, né?" diz que o dia foi cansativo porque, depois de dois shows, Sandy e ele ainda passaram mais de uma hora num chat da Globo.com. Só então puderam voltar ao hotel, comer alguma coisa, arrumar as malas e se mandar para casa.*

18 DE OUTUBRO, SEGUNDA

13h19 Campinas, escritório da família. Estava em uma reunião de negócios que faz semanalmente com Sandy, Cacá, seu empresário, e outros envolvidos na carreira deles (familiares em sua maioria). Na reunião, iam avaliar contratos, rever estratégias de marketing, agendas etc. Estava nessa labuta desde as 10h.

16h02 Em casa. Pela primeira vez desde que comecei essa perseguição autorizada, sinto que liguei em hora ingrata. A voz de Junior não esconde isso. Mesmo assim, é educadíssimo e faz questão de alongar as respostas, o que me deixa à vontade para continuar perguntando. Diz que estava estudando violão em seu quarto e tinha acabado de ligar o computador. Avisa que vai se "suicidar" no Orkut. "Pô, tenho mais de 300 convites para ser amigo e 500 scraps", justifica. Pergunto o que ele achou da matéria sobre a SoulFunk na Época. *"Puxa, esqueci de comprar. Acho que vou pegar o carro e dar um pulo na banca agora."*

19h13 Em Campinas, no seu quarto. Tinha acabado de subir para tomar banho. Disse que passou a tarde brincando em seu PlayStation. Os planos para a noite incluíam uma ida a São Paulo, para ver o show da banda de jazz do amigo Amon Rá.

22h26 Ainda no quarto. Ele atende e explica de cara: "Resolvi não sair hoje porque estou muito cansado, e a semana vai ser cheia, com aulas, show no Na Mata e gravação de um clip [com Sandy] *na quinta".*

19 DE OUTUBRO, TERÇA

12h31 Celular desligado

13h25 Celular desligado

16h51 Em São Paulo, no meio da aula de guitarra. Explica que passou a manhã na aula de bateria, e que ali o celular não pega bem. Pergunto se ele prefere que eu ligue mais tarde. "Não, vamos falar." Aí me explica que depois da guitarra é a vez da aula de canto - tudo feito numa mesma escola de música na Vila Nova Conceição, em São Paulo. Digo que vou deixar ele tocar e que ligo mais tarde.

19h27 No carro, na Faria Lima, em São Paulo, indo para Campinas, com os seguranças no banco de trás. Pergunto se ele está dirigindo e se quer que eu ligue depois. "Estou dirigindo, mas com o fone de ouvido, então pode falar." À noite, pretende comemorar o aniversário de um tio, irmão da mãe, numa pizzaria em Campinas. Pergunto se eles conseguem comer em paz, e ele me conta que em Campinas é tranqüilo, bem diferente de São Paulo e do Rio.

0h10 Em seu quarto, conversando com amigos na internet. Começamos a bater papo, e ele diz que acaba de comprar um loft em São Paulo, onde pretende dormir quando estiver muito cansado para voltar para Campinas. "Tá reformando agora, vai ficar bem legal." Aviso que no dia seguinte vou ver ele e sua SoulFunk tocarem no Na Mata. Ele fica animado: "Vai mesmo, né?". Encerra a ligação dizendo que quer dormir cedo porque amanhã às 9h30 tem uma aula de RPG, para corrigir os ombros que estão um pouco caídos.

20 DE OUTUBRO, QUARTA

17h26 Ele atende e diz que está dirigindo, já na Marginal do Tietê, chegando em São Paulo. Conta que de manhã tinha malhado em casa com sua personal, almoçou, fez um chat, deu uma entrevista por telefone para uma rádio de Goiânia, fez uma conference call com o diretor do clipe que gravaria no dia seguinte e estava indo passar o som no Na Mata. "Você vai mesmo?", me pergunta. Digo que sim. "Vou deixar seu nome na porta, tá?"

TRIP Descubra na Trip deste mês como é uma semana na vida de **Sandy**

PAPAGAIOS DE PIRATA

A Tpm foi atrás de três caras que inventaram a própria fama para saber, afinal, o que pensam essas figuras tão despreocupadas em queimar o filme

por Ana Maria Peres

Tem gente que resolve trilhar o caminho da fama por uma via alternativa. Em vez de seguir os mandamentos tradicionais para virar celebridade, usa criatividade e abusa da cara-de-pau para pegar um atalho rumo à fama. É quase infantil. De tanto investirem na autopromoção, se tornaram caricaturas. Mas terminam conquistando notoriedade e a simpatia de um número significativo de pessoas.

O baiano Jaime Dias Sabino, 80, foi a 1 012 velórios nos últimos 50 anos. A maioria de gente famosa. Hoje, famoso é ele, que já teve sua foto estampada nos principais jornais do país. Também foi entrevistado por Jô Soares e apareceu no *Fantástico*. O mineiro Dalmo José Peres, 54, tem uma biografia digna de Forrest Gump. Criado na roça, foi motorista de caminhão e um dia descobriu que gostava mesmo era de aparecer. Conseguiu papel de figurante em 15 novelas (o momento de glória foi contracenar com Regina Duarte) e até num filme pornô. Hoje, descobriu uma maneira mais eficaz de se tornar conhecido: todo mês seu rosto aparece impresso em 60 mil embalagens de biscoito polvilho.

Vaidoso pai de família, João Nunes também ficou "famoso" usando a cara-de-pau. Há 15 anos, todos os dias, estaciona seu carro (uma réplica amarela da Ferrari) numa das mais movimentadas esquinas de São Paulo, em pleno rush, vestido de maneira exótica. Seu hobby bizarro já rendeu páginas num sem-número de revistas e jornais.

Nos anos 80, João posa na avenida Paulista com seu buggy e com a filha, enquanto aguarda a esposa sair do trabalho

Acima, Daltony em momento popstar, antes de tirar a foto que deu origem ao seu logo, ao lado

João, Dalmo e Jaime obviamente adoram aparecer. Mas levam essa "obsessão" de maneira bem-humorada e saudável. "Nenhum deles largou o emprego por causa dessa mania. Não fazem mal a ninguém", diz o psiquiatra José Álvaro Marcolino. "No fundo, quem não gosta de aparecer? A sociedade nutre esse tipo de comportamento", explica Marcolino, que é professor da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa (SP). Para entender melhor o que faz alguém se submeter ao ridículo para conseguir notoriedade, fomos atrás dos três.

"Meu prazer é olhar e ser olhado"

Bicho de pelúcia

Meu primeiro encontro com o paulistano João Antônio Lara Nunes – o cara do carro amarelo, como é conhecido – foi inesquecível. João tem um Farus, imitação de uma Ferrari, e quatro vezes por semana estaciona a máquina em uma das esquinas em torno do Parque do Ibirapuera, bem na hora do rush, e fica lá em pé, encostado no automóvel. Veste ternos e acessórios excêntricos, carrega um aparelho de som portátil e um bicho de pelúcia como talismã. Esse é seu show.

Em frente ao portão do prédio, espero João descer. De repente, aparece um sujeito com 1,85 metro de altura, cabelo louro tingido, óculos escuros, camisa e bermuda de crepe azul, meias e sapatos brancos. João leva uma vida confortável graças à herança que ganhou do avô há 15 anos. Descendente de uma família tradicional paulista e filho de um diretor de companhia de mineração, diz que sempre gostou de carros e que aos 16 comprou um Fusca para descer a rua Augusta.

Bon-vivant desde a adolescência, nunca foi muito de estudo. O pai insistiu que fizesse faculdade, e ele escolheu educação física. Logo depois de formado, conheceu Célia, sua mulher até hoje, com quem tem uma filha de 19 anos. Atualmente, a vida se resume a passear com as duas, dar aulas numa escola de futebol infantil e se exibir com o Farus. "Meu prazer é olhar e ser olhado", diverte-se ele, que como todo famoso que se preza tem três comunidades no *Orkut* (a maior tem 1 696 membros).

A "fama" começou em meados dos anos 80, quando ia buscar sua esposa no trabalho, na esquina da avenida Consolação com a Paulista, um dos pontos mais movimentados da cidade. João tinha um buggy e chegava uma hora antes só para ficar lá parado, com suas roupas "transadas", observando a reação das pessoas. Em 90, foi agraciado com a herança do avô advogado e trocou o buggy pelo Farus – já com a intenção de desfilar pela cidade. Para aqueles que criticam seu hábito e o xingam na rua, ele tem a explicação na ponta da língua: "É inveja – coisa de quem está suando no trânsito, às 17h, e vê um cara todo arrumado, relaxando".

João é vaidoso. Tem cerca de 50 ternos (alguns feitos sob encomenda), 40 gravatas e 40 lenços. Não revela a idade por nada – diz apenas que tem "50 e uns". Recusou convites para ir aos programas da Hebe e do Gugu porque não tem mais 30 anos e não é mais "bonitinho e magrinho". Acha que não precisa aparecer na TV. "Não pode confundir o sério com o ridículo", diz.

Big Fish

Depois de João Antônio, fui conhecer Dalmo José Peres, 54, o Daltony, empresário mineiro que produz biscoitos de polvilho e imprime seu rosto nas embalagens e nos carros de transporte, ilustrando a frase: "Sou eu quem faz – I make it myself". Visitando o site dele, a primeira coisa que a gente descobre é que Dalmo tem múltiplos talentos. Está lá, na página de abertura: eu produtor de alimentos, eu compositor, eu cantor, eu ator, eu inventor e eu pai de família. Dalmo é muito mais do que a gente pensava.

Tal qual o personagem de Ewan McGregor no filme *Peixe Grande* (2003), ele é um grande contador de histórias. Passou a infância na roça do tio, em Ibiá, interior de Minas, onde estudou até o quarto ano primário e aprendeu a plantar mandioca com a mãe (o pai morreu quando ele tinha cinco meses). Morou lá até o final da adolescência e trabalhou como boiadeiro e motorista de caminhão. Aos 19, foi tentar fazer a vida no Rio de Janeiro. Sem conhecer ninguém, acabou vivendo nas ruas por um mês. Descolou emprego limpando fossas, e conseguiu alugar um quarto num barraco de favela. Mas as coisas só melhoraram quando começou a vender enciclopédias de porta em porta. Ficou dois anos fazendo isso até arrumar emprego de balconista numa loja de construção vizinha ao escritório do sogro de Walter Clark (ex-todo-poderoso da Globo). Ganhou intimidade com o sogro do homem, e graças à sua pinta de galã chegou à TV.

"Fiz 15 participações pequenas em minisséries e novelas, como *Shatan e Xerife* (1972) e *Carga Pesada* (1979). Em *Fogo Sobre Terra* (1974), interpretei um camarada que deu carona para a personagem de Regina Duarte." Em 81, mudou-se para São Paulo. Sem a Globo, as chances de aparecer na TV diminuíram. Em 84, fez seu último trabalho como ator ao encenar um médico no filme pornô *O Gozo Alucinante*. No mesmo ano, associou-se ao pai de um amigo e abriu uma loja de pães de queijo. O nome? Daltony, mistura de Dalmo com Tony.

Chegaram a ter três filiais, mas a crise levou Daltony à falência. Dalmo foi morar num quarto alugado nos fundos de uma casa e gastou todo o dinheiro que havia sobrado. Em 95, resolveu ressuscitar a marca com biscoitos de polvilho. E foi aí que decidiu usar o ego marketing para saciar a vontade de aparecer. "Tudo o que faço, faço bem." Dalmo não se intimida com os comentários maldosos que algumas pessoas deixam em seu site. Tampouco se importa de ser chamado de Daltony – a marca que virou nome. "Gosto de provocar polêmica, sou pretensioso", diz. Graças ao rosto estampado no biscoito, já apareceu no Jô Soares e na Ana Maria Braga. "Vai gostar de aparecer assim lá na China! É uma piada, não é?", encerra a conversa debochando de si próprio.

Papagaio de pirata

Aparecer quase virou a profissão de Jaiminho. Não fosse assistente da prefeitura de Nilópolis há 40 anos, constaria em seu registro de trabalho: papagaio de pirata. Ele já apareceu tanto atrás dos repórteres da TV e nos enterros de gente famosa que conseguiu ficar conhecido. Jaime Dias Sabino diz que hoje está "difícil" andar na rua. "O povo vem falar comigo, me pára, ser famoso dá cansaço", diz. O primeiro velório que frequentou foi do Getúlio Vargas, em agosto 1954. Desde então, já viu outros 1 011 famosos serem enterrados: Dina Sfat, Daniella Perez, João Saldanha, Chacrinha, Nelson Gonçalves, Henfil, Costinha, Lauro Corona, Tim Maia, Irmã Dulce, Cazuza. "Geralmente, digo que estou representando a prefeitura de Nilópolis e ofereço ajuda."

A mania começou quando trabalhava como porteiro no prédio onde morava o irmão de Getúlio Vargas. "Embaixo do edifício ficava o bar Ponto Azul, muito freqüentado por artistas. Eu conversava com todo mundo", conta. A amizade com os famosos do Ponto Azul rendeu ao ex-porteiro figuração em "mais de 40 filmes" na década de 60, sobretudo em chanchadas da Atlântida. "Fiz um bicheiro em *Boca de Ouro* e um alfaiate no *Assalto ao Trem Pagador*. O Reginaldo Faria me perguntava se o terno tinha ficado bom, e eu respondia: 'Ficou ótimo'", conta o baiano que nasceu em Feira de Santana e vive no Rio desde os 7 anos.

Desde que se tornou funcionário público, sempre que vai ao centro resolver coisas da prefeitura encontra equipes de gravação dos telejornais por lá. Já conhece as pessoas, os repórteres até dizem onde é que ele tem de ficar. Para manter a aparência, faz a barba duas vezes por dia, de manhã e à noite. Possui mais de 170 ternos, 170 camisas e 230 gravatas. "Não consigo doar", diz. Nas paredes da casa, diversos quadros mostram fotos de Jaiminho roubando espaço na foto com Xuxa, Pelé, Romário, entre outros. Mas a mania de ir a enterros tem uma explicação: "Desde que deixei a Bahia nunca mais vi meus pais, não pude ir ao enterro deles. Acho que fiquei com isso na cabeça".

Morte reabre discussão sobre a desestatização

Enquanto Tarney e ACM fazem apologia do nacionalismo, Jobertano Chaves critica o processo de privatização de estatais

Em sentido horário: em 93, Jaiminho se infiltra no enterro do ex-presidente da ABL, Austregésilo de Athayde, entre ACM, Sarney e Brizola; como destaque no jornal O Globo, no enterro do ex-presidente Ernesto Geisel; em 96, ao lado de Roberto Marinho; roubando espaço na foto com Garotinho.

2º Ciclo Multicultural Judaico-Brasileiro

De 08 a 28 de Novembro

Diversidade Cultural

Programação

De 08 a 28 de novembro

Curadorias

Dia 09: Artes Plásticas - Sérgio Fingermann

Dia 10: Culinária - Breno Lerner

Dia 11: Cinema - André Sturm

Dia 17: Moda - Amir Slama

Dia 19: Cinema - Walter Carvalho

Dia 21: Teatro - Iacov Hillel

Dia 22: Fotografia - Luis Tripoli

Dia 23: Literatura - Moacyr Scliar

Dia 25: Música - Jaques Morelenbaum

Dia 28: Dança - Carlinhos de Jesus

Eventos Paralelos

De 09/11 a 19/12
Exposição "Mistura Fina" do fotógrafo Luis Tripoli
Exposição com artistas contemporâneos "A Linha que Costura as Diversidades"

12/11
Shabat com aula de culinária experimental ministrada por Breno Lerner; logo após jantar de degustação

13, 14 e 21/11
Atividades de Contadores de Histórias

16, 18 e 20
Ensaios abertos - montagem de "Pagliacci" por Iacov Hillel

De 23/11 a 27/11
Workshop e ensaios de dança por Carlinhos de Jesus

Entrada: Literatura - 1 livro infantil, para os demais - 1Kg de alimento não perecível

Informações: (11) 3065-4333 • www.culturajudaica.org.br

Realização Centro da Cultura Judaica

Produção Cultural Yael Steiner

Patrocínio Petrobras

Apoio Cisa Trading, Nescafé, Viena

Christiano Menezes

PENETRA

por João Paulo Cuenca

João Paulo Cuenca, 26 anos, é autor de *Corpo Presente*. Seu e-mail: cuenca@tnp.com.br

O TEMPO DA CELEBRIDADE

Reflexões de um artista **cansado** momentos antes de subir no **palco**

Marcelo François está no camarim tomando um copo de chá e ainda falta meia hora. Se antes esse tempo passava fácil, hoje o caminho dos ponteiros ficou mais tortuoso. O artista vê os minutos aniquilarem-se com pesar, vagarosamente. Para Marcelo, o tempo não sobe, nem vai para o lado. O tempo tampouco se move circularmente como os ponteiros do relógio na parede do camarim. O tempo cai. E o tempo cai numa trajetória elíptica, rumo à escuridão. "A elipse, a elipse do tempo, infinitaaa..." Marcelo gosta da elipse e da idéia do "caminho tortuoso dos ponteiros" e pensa: "Ah! Que grande compositor..." Marcelo cogita usar suas novas idéias numa canção dia desses. E Marcelo pensa, mais secretamente dessa vez, como é engraçado o jeito que as idéias brotam na cabeça do artista. E fica repetindo mentalmente: "artisssta, artisssta", dando um peso maior ao "esse" de artista, "artisssta". É. Marcelo é um artista. "Artisssta."

"Faltam 27 minutos", Marcelo olha para o relógio e conclui após cálculo rápido. Começa a repassar os preparativos para o show. Em poucos minutos começará seu aquecimento vocal. Depois, alguns momentos de concentração, quando se preparará espiritualmente para o show dessa noite, lotado pelo seu público querido, "eles são a razão do meu trabalho". "Olha, o Brasil inteiro cantando minha música! Sem vocês eu não estaria aqui hoje. É uma emoção enorme, indescritível! Muita fé em Deus e beijo no coração. Ter uma música na novela das seis é um presente. Cuidado com os seus sonhos: eles podem se tornar realidade!"

Ao ver Vanessa prostrada de joelhos fazendo suas unhas, pensa que é difícil se admitir como sendo alguém e que era muito mais fácil quando não era nada e ninguém o conhecia. Ser alguém dá trabalho. E Marcelo François é um artista, "artisssta". Ajeita-se na cadeira, estufa o peito, põe os ombros para fora e pensa em seu corpo que já foi melhor, mas ainda dá pro gasto. Marcelo está pegando leve com o pó. Lendo e aprendendo mais. Marcelo é esforçado, é artisssta, mas é esforçado.

E esse tempo que não passa, não passa nunca! A lixa de Vanessa cadencia o tempo, lixa, lixa, mas o tempo não passa. Lixa, e o público vai chegando vagarosamente enquanto Marcelo não aguenta de tanta ansiedade. Marcelo vai pedir um comprimido. É difícil, é muito difícil ser alguém, e Marcelo volta a pensar na elipse do tempo, no caminho tortuoso dos ponteiros e no tempo subjetivo que cada um de nós tem dentro de si. Sim, é claro, o tempo de Marcelo é diferente do tempo de Vanessa que está ali, feliz por estar no camarim, tão perto e tão longe da fama e do sucesso. **Essa gente parece sanguessuga! Eles querem sempre um pouquinho de você, sempre um pouquinho mais da sua atenção, do talento de Marcelo, da arte de Marcelo François!** Só que Marcelo cansa uma hora! E cansa de ver o tempo se esvair para baixo, nunca para cima ou para o lado, nem circularmente como os ponteiros do relógio na parede do camarim, mas sempre para baixo. Marcelo espera o efeito do remédio. Marcelo precisa fazer um bom show pra esse público maravilhoso. "Eles são a razão do meu trabalho!"

Marcelo percebe que quanto mais rápido ele pensa, mais devagar o tempo passa. Como se o tempo fosse dividido entre pequenas unidades de medida, não em segundos, mas numa unidade única para Marcelo, exclusiva da sua sensibilidade. Marcelo dá a outra mão para Vanessa, cruza as pernas e decide que meditaria mais devagar naquela hora. Respira fundo e mentaliza seu público, sua voz saindo perfeita, o violão afinadinho... Com muita calma, tudo certo, tudo sem problemas. Isso, assim... Mas Marcelo no meio da meditação vê o percussionista Aê, aquele homenzarrão! Ah, que loucura um bofe desses aqui na minha banda, Aê!, é um grito primal, moreno suado, loucura, loucura! E não adianta nada o relaxamento, a meditação e o comprimido.

Então, Marcelo abre os olhos e acha melhor acompanhar os segundos do relógio diretamente, como fazem todos, Vanessa, Aê, seus assessores, os músicos e a platéia. Não conseguiu

FischerAmérica

CITIBANK

VESTIBULAR 2005
12/12

• ADMINISTRAÇÃO • CIÊNCIAS CONTÁBEIS
• MARKETING • RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Faculdade Trevisan

Formando profissionais para uma nova realidade de mercado.

COLUNA DO MEIO

por Milly Lacombe

A carioca Milly Lacombe, 41 anos e 6 meses, é jornalista. Seu e-mail é milly@terra.com.br

TRÊS HISTÓRIAS

A colunista **gay** explica seus **pais**

Fazia dias que eles não comiam. Refugiados nas areias de uma praia com outra centena de desabrigados, esperavam que os navios aliados trouxessem comida. O que só aconteceu depois de três noites de incertezas, frio e chuva. Estamos na Itália de 1944, quando a guerra se aproximava do fim — mas disso nossos personagens não tinham como saber. O patriarca havia sido assassinado há alguns meses por fascistas que o confundiram com um inimigo: procuravam por Paolino e se deram por satisfeitos com Paolini. Maria, a esposa, e seus três filhos — 9, 7 e 6 anos — estavam agora sozinhos.

Depois do assassinato, foram obrigados a reconhecer o corpo, que, com quatro dúzias de outros, estava jogado na porta da Igreja da pequena cidade onde moravam, dentro de caixões de madeira, feitos às pressas para dar conta da demanda. Não foi difícil encontrá-lo: se tratava de um homem muito grande, e os caixões improvisados eram muito pequenos. Paolini era o único com a cabeça jogada para o lado, de modo a caber no caixão. Pelo mesmo motivo, as pernas estavam encolhidas como as de uma criança no berço. O tiro na nuca deixou um rastro de sangue, que, quando eles chegaram, ainda escorria, fino, pela madeira da esquife. A cena ficou gravada na memória dos quatro.

Sem saber o que fazer ou para onde ir, Maria deixou as duas meninas em um orfanato católico e voltou para casa com o caçula. As freiras, do alto de sua bondade divina, davam nelas banho frio e as espetavam com agulhas. Tempos depois, como os bombardeiros não parassem, a jovem italiana de 26 anos decidiu pegar a família e esperar na praia pelo navio que as levaria para um lugar mais seguro: o Brasil.

Enquanto isso, no Rio de Janeiro, a milhares de quilômetros dali, o garoto de 8 anos era avisado de que não poderia mais morar com os pais e os seis irmãos: as crises de bronquite e de asma estavam se agravando e ele, dando muito trabalho e despesas. A família não tinha recursos e, portanto, disseram, ele deveria ir para a casa dos tios, ricos e sem filhos, em Laranjeiras. Afastado da rotina e do calor de uma grande família, ele cresceu solitário e encontrou nos livros boa companhia e uma necessária válvula de escape.

A garotinha de 9 anos da primeira história é minha mãe, o menino da segunda, meu pai. Eles se conheceram no Rio de Janeiro em 1965 e um ano depois se casaram. Se tornaram adultos, como somos todos, cheios de complexos, traumas e recalques. Mesmo assim, construíram para meus três irmãos e eu a família estável que nunca tiveram.

Hoje sei que, mesmo morando sozinhos, pagando nossas próprias contas, comprando apartamentos, casando, engravidando e tendo filhos, nunca deixamos de ser as crianças que um dia fomos — tão precisadas de colo e de amparo — e que a velhice nada mais é que o resgate autorizado e público de nossos sentimentos mais embrionários.

Em 2001, meu pai morreu — assim como viveu — um menino solitário. Minha mãe ainda é a garotinha que espera, na praia, pela salvação — com a diferença que agora seus anseios estão soterrados sob camadas e camadas de frieza e intolerância.

Por tudo isso, mesmo quando, ao saber que eu era gay, ela me deu as costas, mesmo quando condicionou o amor que sentia por mim à minha sexualidade, nunca deixei de amá-la. Simplesmente porque, não importa o que aconteça, não se pode deixar de amar a criança que te deu à luz, que te tratou com respeito, amor e carinho nos anos que você visceralmente precisava: nos de sua formação.

Não sei de verdade dizer se, no fim das contas, meus pais conseguiram ser felizes. Mas posso garantir que, graças a eles, meus irmãos e eu somos. Profundamente.

MTV
MUSIC TELEVISION
Apresenta
Seu Jorge
Todos os sucessos de Seu Jorge + música inédita
Chega No Swingue • Te Queria • Hagua / A Carne • Mania de Peitão • Samba Que Nem Rita à Dora • O Samba Taí • O Pequenês e o Pitt Bull • Carolina • De Alegria Raiou o Dia • Doidinha • São Gonça • Funk Baby / A Massa • Mangueira • Gafieira S/A
Participação especial da diva da black music nacional Paula Lima.
Extras: Entrevista exclusiva com Seu Jorge + bastidores do show + 2 videoclipes
ÁUDIO stereo e 5.1
SEU JORGE AO VIVO EM SEU PRIMEIRO DVD!
JÁ NAS LOJAS
LANÇAMENTO
DVD VIDEO
© MTV – Music Television é uma marca licenciada exclusivamente à MTV Brasil Ltda. pela Viacom International, e sublicenciada à ST2 para utilização neste produto, dentro do território nacional. Todos os direitos reservados.
© 2004 MTV Brasil Ltda. Áudio e vídeos extraídos do programa MTV APRESENTA SEU JORGE, gravado em São Paulo, no dia 20 de abril de 2004. ℗ 2004 ST2 Vídeo, Brasil. ST2 Vídeo é uma divisão da ST2 Music Ltda.
Todos os direitos reservados. Distribuição exclusiva ST2 Music Ltda. www.st2.com.br / www.mtv.com.br
ST2 VIDEO
Material chroniony prawem autorskim

UM PENSAMENTO

por Mara Gabrilli

Mara Gabrilli, 36 anos, é publicitária e psicóloga. Dirige a ONG Projeto Próximo Passo (PPP), ligada à qualidade de vida do deficiente físico — ela é tetraplégica e foi *Trip* Girl na *Trip* #82. Seu e-mail: maragab@uol.com.br

RESCALDO DE CAMPANHA

Mesmo **derrotada**, nossa colunista avalia o resultado do **corpo-a-corpo eleitoral** e descobre que **nunca mais** vai ser a mesma

Quero agradecer a todos vocês que confiaram em mim e me deram seu voto para vereadora na última eleição em São Paulo. Foram quase 12 mil. Uma votação surpreendente considerando que a publicidade foi mínima, e a divulgação foi feita boca a boca, em apenas um mês e meio.

Hoje começo a perceber que algo mudou radicalmente nos meus dias. Se na última coluna relatei minha nova experiência em abordar as pessoas em lugares públicos, agora a situação é inversa: não tenho conseguido ir muito longe sem que alguém me pare para dizer que votou em mim e perguntar como fui nas eleições.

Outro dia fiquei quase 20 minutos dentro de um banheiro falando com diferentes pessoas que tinham votado em mim. O curioso é que sempre depois daquele papo de voto chegam casos de acidentes, fatalidades ou ainda de superação.

Parece que agora apareceu um novo brinquedo na minha vida que é ouvir histórias das pessoas que me identificam. E não é muito difícil me reconhecerem nas ruas. **Não dá para passar desapercebida enfrentando tantas barreiras arquitetônicas. Este foi um ponto positivo na campanha: as pessoas viam meu esforço para me locomover, e isso gerava nelas uma motivação muito forte.**

O acontecimento mais marcante foi minha visita à Casa de Convivência São Vicente de Paulo no bairro de Campos Elíseos, que aconteceu por acaso. No dia de São Cosme e Damião fui acompanhar minha mãe e minha tia distribuírem balas e doces numa creche. A assistente social soube que eu era candidata e me convidou para conhecer a casa, onde servem almoço e lanche para pessoas que moram nas ruas. De repente lá estava eu com microfone em punho (alheio) falando para uma platéia de 400 pessoas. Como se não bastasse, no dia seguinte voltei para falar com outro público, agora ex-moradores de rua, transferidos para albergues.

Eles fizeram perguntas, comentários e ainda pediram que eu ficasse para o almoço. Arroz, feijão, abobrinha, lingüiça e copo de leite batido com frutas. Dei vários autógrafos nos santinhos. Quando me viam assinando com a boca, a fila aumentava.

Trataram-me com carinho, como se eles estivessem retribuindo a oportunidade de conhecer alguém que de alguma forma também renasceu. Eram pessoas como eu, muitas já haviam estudado, porém por diferentes razões perderam-se e foram ganhos pelas ruas. Já soube que estão ansiosos pela minha volta, imagine como será meu próximo passeio de cadeira de rodas pelos Campos Elíseos?

Essa nova etapa da minha vida está só começando. Hoje sou a terceira suplente de vereadora no PSDB. Uma campanha feita pelos amigos e amigos dos amigos, que trabalharam como se fosse a campanha deles. Todos nós queremos ver São Paulo melhorar e incluir tantos brasileiros invisíveis como os que um dia pretendo representar.

Materiał chroniony prawem autorskim

misssixty.com
MISS SIXTY
Rua Oscar Freire, 1.035 : : São Paulo
Shopping Páteo Higienópolis - Piso Veiga Filho : : São Paulo
Park Shopping - Nível Térreo : : Brasília
Show Room: 11 3060 9660

Materiał chroniony prawem autorskim